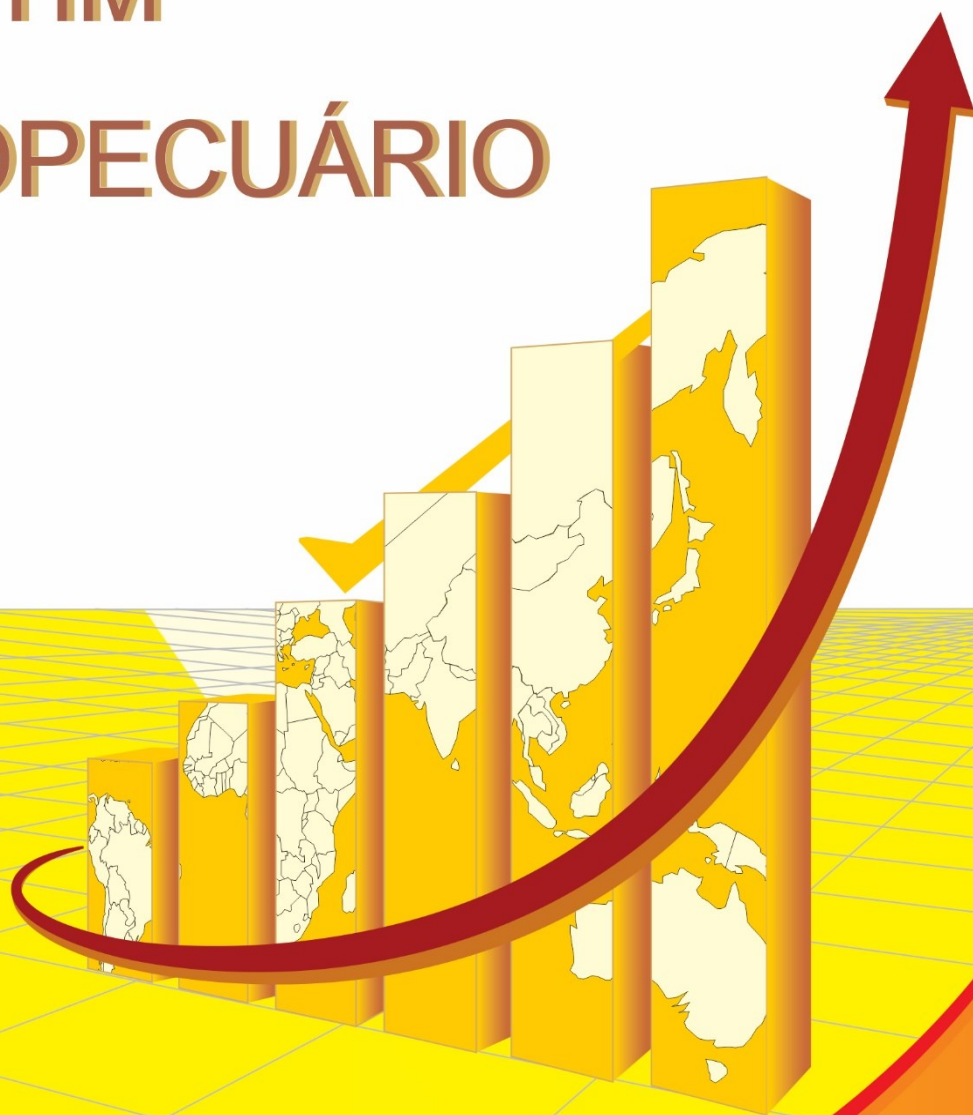


Agosto/2020

BOLETIM AGROPECUÁRIO





Governador do Estado

Carlos Moisés da Silva

Secretário de Estado da Agricultura, da Pesca e do Desenvolvimento Rural

Ricardo de Gouvêa

Presidente da Epagri

Edilene Steinwandter

Diretores

Célio Haverroth

Desenvolvimento Institucional

Giovani Canola Teixeira

Administração e Finanças

Humberto Bicca Neto

Extensão Rural e Pesqueira

Vagner Miranda Portes

Ciência, Tecnologia e Inovação



ISSN: 0100-8986 (impresso)
ISSN: 2674-9521 (on-line)

DOCUMENTOS Nº 319

Boletim Agropecuário

Autores desta edição

Alexandre Luís Giehl
Felipe Jochims
Glaucia de Almeida Padrão
Haroldo Tavares Elias
João Rogério Alves
Jurandi Teodoro Gugel
Rogério Goulart Junior
Tabajara Marcondes



Florianópolis
2020

Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina (Epagri)

Rodovia Admar Gonzaga, 1347, Itacorubi, Caixa Postal 502

88034-901 Florianópolis, SC, Brasil

Fone: (48) 3665-5000

Site: www.epagri.sc.gov.br

E-mail: epagri@epagri.sc.gov.br

Editado pelo Centro de Socioeconomia e Planejamento Agrícola (Epagri/Cepa)

Rodovia Admar Gonzaga, 1486, Itacorubi

88034-901 Florianópolis, SC, Brasil

Fone: (48) 3665-5078

Site: <http://cepa.epagri.sc.gov.br/>

E-mail: online@epagri.sc.gov.br

Coordenação: Tabajara Marcondes – Epagri/Cepa

Revisão técnica: Léo Teobaldo Kroth/Dilvan Luiz Ferrari – Epagri/Cepa

Colaboração:

Andressa Mariani Bee – Caçador (UGT 10)

Bruna Parente Porto – Florianópolis (UGT 7)

Cleverson Buratto – Tubarão (UGT 8)

Édila Gonçalves Botelho – Epagri/Cepa

Orlando Fuchs – São Miguel do Oeste (UGT 9)

Evandro Uberdan Anater – Joaçaba (UGT 2)

Getúlio Tadeu Tonet – Canoinhas (UGT 4)

Gilberto Luiz Curti – Chapecó (UGT 1)

João Claudio Zanatta – Lages (UGT 3)

Maurício E. Mafra – Ceasa/SC

Nilsa Luzzi – Jaraguá do Sul (UGT 6)

Saturnino Claudino dos Santos – Rio do Sul (UGT 5)

Sidaura Lessa Graciosa – Epagri/Cepa

Edição: agosto de 2020 – (*on-line*)

É permitida a reprodução parcial deste trabalho desde que citada a fonte.

Ficha Catalográfica

EPAGRI/CEPA. **Boletim Agropecuário**. Agosto/2020. Florianópolis, 2020, 50p. (Epagri. Documentos, 319).

Publicação iniciada em maio/2014 (nº de 1 – 70). Em abril/2019 passou a integrar a série Documentos com numeração própria.

Análise de mercado; safras; conjuntura.

ISSN: 0100-8986 (impresso)

ISSN: 2674-9521 (*on-line*)

APRESENTAÇÃO

O Centro de Socioeconomia e Planejamento Agrícola (Cepa), unidade de pesquisa da Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina (Epagri), tem a satisfação de disponibilizar o Boletim Agropecuário *on-line*. Ele reúne as informações conjunturais de alguns dos principais produtos agropecuários do estado de Santa Catarina.

O objetivo deste documento é apresentar, de forma sucinta, as principais informações conjunturais referentes ao desenvolvimento das safras, da produção e dos mercados para os produtos selecionados. Para isso, o Boletim Agropecuário contém informações referentes à última quinzena ou aos últimos 30 dias. Em casos esporádicos, a publicação poderá conter séries mais longas e análises de eventos específicos. Além das informações por produto, eventualmente poderão ser divulgados neste documento textos com análises conjunturais que se façam pertinentes e oportunas, chamando a atenção para aspectos não especificamente voltados ao mercado.

O Boletim Agropecuário pretende ser uma ferramenta para que o produtor rural possa vislumbrar melhores oportunidades de negócios. Visa, também, fortalecer sua relação com o mercado agropecuário por meio do aumento da competitividade da agricultura catarinense.

Esta publicação está disponível em arquivo eletrônico no site da Epagri/Cepa, <https://cepa.epagri.sc.gov.br/>. Podem ser resgatadas também as edições anteriores.

Edilene Steinwandter
Presidente da Epagri

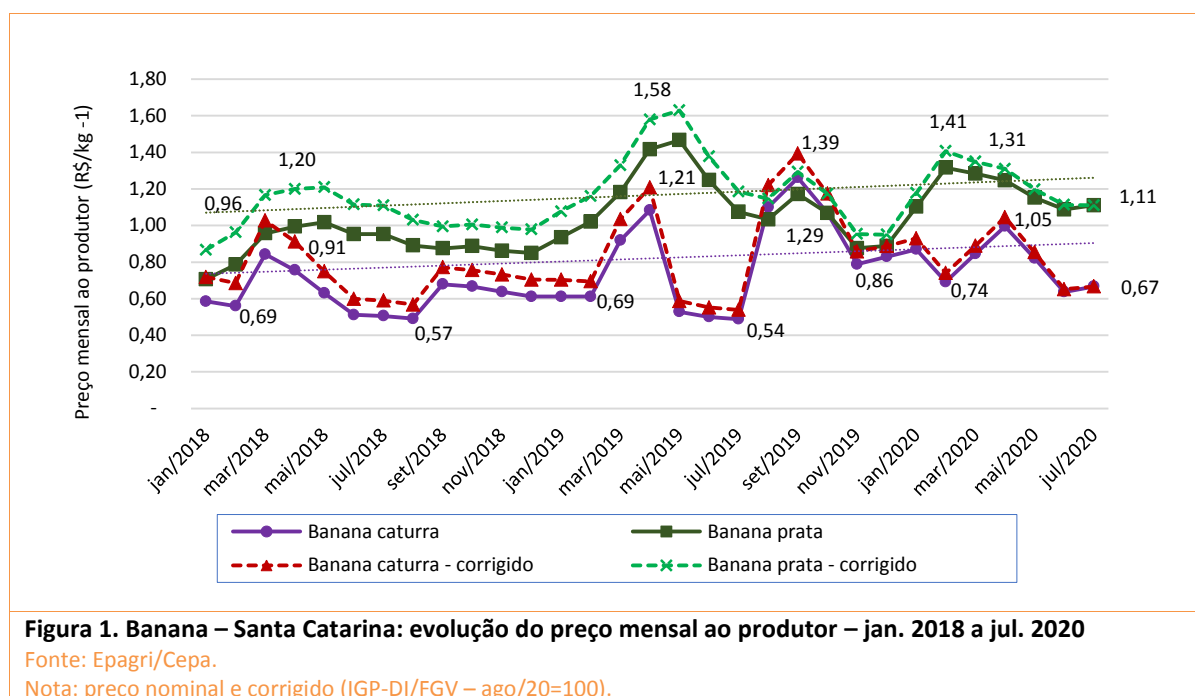
Sumário

Fruticultura	7
Banana	7
Grãos	11
Arroz	11
Milho.....	14
Milho - Silagem	19
Soja	22
Trigo.....	25
Hortaliças	27
Alho.....	27
Cebola	30
Pecuária	32
Avicultura.....	32
Bovinocultura	38
Suinocultura.....	42
Leite	48

Fruticultura

Banana

Rogério Goulart Junior
Economista, Dr. - Epagri/Cepa
rogeriojunior@epagri.sc.gov.br



Entre junho e julho de 2020 houve valorização de 2,3% nas cotações da banana-caturra, em função da redução na produção pelo efeitos do ciclone, com quedas de plantas com cachos em desenvolvimento. Em julho, o preço mensal de 2020 estava valorizado 23,6% em comparação aos do ano anterior e 13,1% aos de 2018. No segundo trimestre de 2020, os preços apresentaram aumento de 8,7% em relação aos do ano anterior, pois os efeitos da estiagem somados à sazonalidade já indicavam uma redução na produção no período. Nos bananais, o trabalho está sendo intenso para contabilizar as áreas afetadas pelo ciclone e as adequações do solo com adubação, devido ao atraso relacionado à seca que afetava as áreas em produção. A expectativa é de que no final do segundo semestre, dependendo da área atingida, a produtividade possa voltar aos níveis do último triênio.

As cotações da banana-prata apresentaram desvalorizações de 6,4% entre julho de 2019 e 2020, com problemas relacionados à estiagem afetando a qualidade da fruta para o mercado. No segundo trimestre de 2020, os preços apresentaram redução de 21,3% em relação ao ano anterior. Mas, no comparativo entre junho e julho de 2020, houve valorização nas cotações de 0,9%. A pandemia modificou o ritmo dos negócios no segundo trimestre e a estiagem reduziu a oferta no mercado, porém o comportamento dos preços está seguindo a tendência do ano anterior. A expectativa é que adequações e tratamentos culturais nos bananais possam melhorar a qualidade das frutas nos próximos meses, com valorização nos preços, uma vez que a oferta permanecerá baixa.

Tabela 1. Banana – Santa Catarina: preço médio ao produtor (R\$.kg⁻¹) nas principais praças – 2020

Praça	Mês				Var. (%) Jul. 20/Jun. 20
	Abril	Mai	Junho	Julho	
Jaraguá do Sul					
Caturra	0,99	0,57	0,41	0,61	48,8
Prata	1,20	0,88	0,77	1,07	39,0
Sul Catarinense					
Caturra	1,02	0,69	0,55	0,74	34,5
Prata	1,29	0,89	0,86	1,17	36,0

 Nota: Valores em R\$/cx. 20 a 22 kg transformados em R\$.kg⁻¹.

Fonte: Epagri/Cepa e Conaban.

No Norte Catarinense, as cotações, que estavam em queda desde abril devido aos efeitos da estiagem na qualidade das frutas, recuperaram em julho, com valorização acima de 35% em relação à junho. A passagem do ciclone extratropical afetou entre 20% a 50% das áreas em produção com plantas no ciclo de enchimento dos cachos. No Sul Catarinense, a estiagem e a pandemia afetaram a demanda da fruta na região, com a baixa da qualidade da fruta e a diminuição nos volumes comercializados mesmo com menor oferta no mercado. Entre junho e julho, além de problemas na qualidade ocasionados pela estiagem, houve perdas nas áreas em produção devido a queda dos bananais com a passagem do ciclone na região. A tendência é a valorização dos preços nos próximos meses com a redução na oferta da banana-prata no mercado. A preocupação está na concorrência com outras regiões produtoras brasileiras, que estão ampliando a colheita da variedade.

Uma estratégia dos bananicultores é a adequação das áreas atingidas com aporte de recursos do Pronaf, via acesso a crédito de custeio e investimento, com taxas de juros mais baixas (2,75%) nos municípios afetados e com decreto de situação de emergência ou estado de calamidade pública por causa do ciclone. Para outros casos, o juro para os pequenos produtores é de 2,75% a 4% a.a., conforme o Plano Safra 2020/2021. Já o “Projeto Recupera SC - Menos Juros”, prevê a subvenção aos juros dos financiamentos para reconstrução de sistemas produtivos atingidos pelo ciclone “bomba”. Também, houve a prorrogação para 15 de dezembro de 2020 do prazo de vencimento das parcelas de operações de crédito rural de custeio e investimentos contratadas pelos agricultores. A medida pode beneficiar os produtores rurais que comprovarem redução nos contratos de venda e no escoamento da produção, com redução na demanda, em função da pandemia da COVID-19.

Tabela 2. Banana – Santa Catarina: preço médio no atacado (R\$.kg⁻¹) nas principais praças – 2020

Praça	Mês				Var. (%) Jul. 20/Jun. 20
	Abril	Mai	Junho	Julho	
Florianópolis (Ceasa)					
Caturra	1,43	0,71	0,71	1,67	135,2
Prata	1,90	0,95	0,95	1,90	100,0
Jaraguá do Sul					
Caturra	1,65	1,08	0,89	1,39	56,2
Prata	2,07	1,53	1,39	1,87	34,5
Sul Catarinense					
Caturra	1,60	1,20	1,04	1,30	25,0
Prata	1,98	1,53	1,49	1,87	25,5

 Nota: Valores em R\$ por cx. 18 a 20 kg transformados em R\$.kg⁻¹

Fonte: Epagri/Cepa e Conaban

Entre maio e junho, com a diminuição nos volumes comercializados no atacado pela diminuição nas demandas institucionais, como a merenda escolar, houve uma redução nos preços como estratégia de escoar a produção. Após o final de junho e ao longo de julho, houve retração na oferta em função das perdas na produção resultantes da passagem do ciclone nas regiões produtoras, com reflexo na valorização das cotações de ambas as variedades no mercado atacadista.

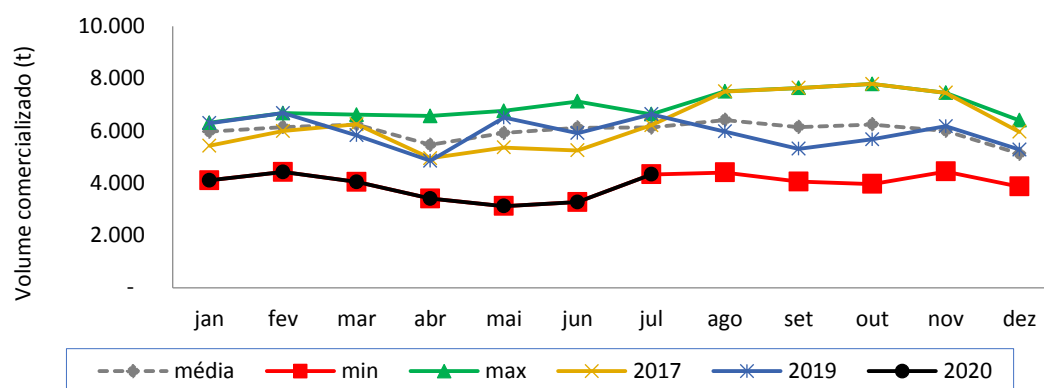


Figura 2. Banana – Volume de origem catarinense comercializado em centrais de abastecimento (2015-2020)

Fonte: Prohort/Conab (2020).

No primeiro semestre de 2020, houve redução de 38% (13.692 toneladas) no volume de banana de origem catarinense comercializado nas centrais de abastecimento de todo país. Em 2019, nos seis primeiros meses foram comercializadas 36,0 mil toneladas, e em 2020 foram 22,4 mil toneladas. No primeiro trimestre de 2020, houve redução de 33% (6.222 toneladas) e no segundo trimestre a redução foi de 43% (7.470 toneladas) em relação aos mesmos períodos de 2019.

Entre 2015 e 2020, os volumes médios comercializados estão 36% abaixo da média do quinquênio, para o primeiro semestre, e 32% menores que 2017 (figura 2). Em maio, houve redução de 52,1% com negociação de 3.120 toneladas, e em junho redução de 44,6% em relação ao mesmo mês de 2019, com 3.276 toneladas. Em julho de 2020, houve outra redução expressiva na quantidade comercializada em relação ao ano anterior (35%), com 2.302 toneladas a menos. A expectativa é que no segundo semestre se mantenha a valorização dos preços, devido à retração da oferta e aumento da demanda pela fruta, como forma de estimular a manutenção da comercialização da fruta produzida no estado.

A exportação catarinense de banana no primeiro semestre de 2020 apresentou redução de 11,2% no valor negociado, passando de US\$ 5,89 milhões, em 2019, para US\$ 5,23 milhões, com diminuição de 7,1% no volume comercializado, passando de 23,3 mil toneladas para 21,6 mil toneladas em 2020. Em julho, houve redução de 32,5% no valor negociado, passando de US\$ 1,07 milhões para 724 mil; com diminuição de 19,1% na quantidade catarinense exportada, com menos 750 toneladas que em 2019.

Tabela 3. Banana – Preço médio ao produtor (R\$.kg⁻¹)* nas principais praças do Brasil – 2020

Praça	Mês			Variação (%) Jul. 20/Jun. 20
	Mai. 20	Jun. 20	Jul. 20	
Bom Jesus da Lapa (BA)				
Nanica	0,75	0,87	1,37	57,5
Prata	1,42	1,39	1,25	-10,1
Norte de Minas Gerais (MG)				
Nanica	0,76	0,79	1,34	69,6
Prata	1,64	1,55	1,27	-18,1
Vale do Ribeira (SP)				
Nanica	0,96	0,88	1,21	37,5
Prata	1,63	1,50	1,35	10,0
Vale do São Francisco (BA e PE)				
Nanica				
Prata	1,29	1,55	1,41	-9,0

(*) Preço médio mensal em R\$.kg⁻¹.

Fonte: Epagri/Cepa adaptado de CEPEA/Esalq/USP.

A partir de julho, o norte de Minas e o Vale do Ribeira estão suprimindo o aumento da demanda relativa da banana nanica, com a redução da oferta da banana-caturra catarinense devido ao ciclone extratropical que atingiu as áreas em produção. Estas regiões estão aproveitando a valorização nas cotações que devem prosseguir, mesmo com taxas decrescentes, nos próximos dois meses.

Nas regiões produtoras do Nordeste, a tendência é a redução na demanda da banana-prata nos mercados atacadistas, com desvalorização nas cotações. Nos últimos meses, estas regiões estão com clima mais ameno, o que deve melhorar a qualidade das frutas nos bananais. Com a redução na oferta de ambas as variedades, o ritmo dos negócios nas principais regiões consumidoras do país deve aumentar a partir de setembro, mantendo as adequações sanitárias para controle da pandemia.

Tabela 4. Banana – Santa Catarina: comparativo da estimativa de 2019/20 e 2020/21

Santa Catarina/ Microrregiões	Estimativa 2019/20			Estimativa 2020/21			Variação (%) 2019-2020		
	Área colhida (ha)	Produção (t)	Rend. Médio (kg.ha ⁻¹)	Área colhida (ha)	Produção (t)	Rend. Médio (kg.ha ⁻¹)	Área colhida (%)	Produção (%)	Rend. Médio (%)
Blumenau	4.311	139.525	32.365	4.311	124.658	28.916	0,0	-10,7	-10,7
Itajaí	3.574	120.048	33.589	3.574	107.256	30.010	0,0	-10,7	-10,7
Joinville	12.972	385.327	29.705	12.919	312.330	24.176	-0,4	-18,9	-18,6
São Bento do Sul	347	7.052	20.323	347	6.865	19.782	0,0	-2,7	-2,7
Araranguá	5.220	61.268	11.737	5.570	51.662	9.275	6,7	-15,7	-21,0
Criciúma	1.285	19.506	15.180	1.283	18.981	14.794	-0,2	-2,7	-2,5
Tubarão	100	1.189	11.890	95	1.166	12.274	-5,0	-1,9	3,2
Total	27.809	733.915	26.391	28.099	622.917	22.169	1,0	-15,1	-16,0

Fonte: Epagri/Cepa (ago. 2020).

Para o período 2020/21, foram estimados os efeitos da redução na produção devido a passagem do ciclone nas regiões produtoras, no total previsto para o período. A expectativa é que a recuperação da quantidade média de bananeiras com produção de cachos para colheita deva durar entre 4 a 11 meses, conforme a região e adequações nos bananais e infraestruturas afetadas relacionadas à cultura.

Grãos

Arroz

Glaucia Padrão
Economista, Dr^a. – Epagri/Cepa
glauciapadrao@epagri.sc.gov.br

Preços ao produtor

Os preços ao produtor continuam em alta em Santa Catarina. No mês de julho, os preços ao produtor catarinense valorizaram 5,19% em relação à junho, enquanto no mercado gaúcho a variação dos preços foi de 10,07%. Conforme pode ser visto na Figura 1, o comportamento dos preços na safra 2019/20 tiveram comportamento atípico, principalmente a partir do mês de abril deste ano. O comportamento sazonal indica que, entre os meses de fevereiro e junho, há uma queda acentuada nos preços em função do período de colheita do grão, que aumenta a oferta interna e exerce pressão de baixa nos preços. Contudo, o avanço do coronavírus no mundo e as incertezas quanto ao abastecimento provocaram um corrida aos mercados, reduzindo, ainda mais, os estoques industriais do grão. A partir de julho, o comportamento esperado para os preços ao produtor é de aumento, visto que boa parte da safra é comercializada imediatamente após colheita, pela necessidade dos produtores em fazer caixa, restando apenas a produção dos produtores capitalizados, que conseguem esperar para alcançar melhores preços no segundo semestre. Observou-se que os preços em julho e primeira quinzena de agosto continuaram crescentes, entretanto com uma variação bem acima do esperado. A demanda é o principal fator que tem segurado os preços em patamares tão elevados, haja vista que a safra catarinense de arroz foi maior do que a observada no ano passado.

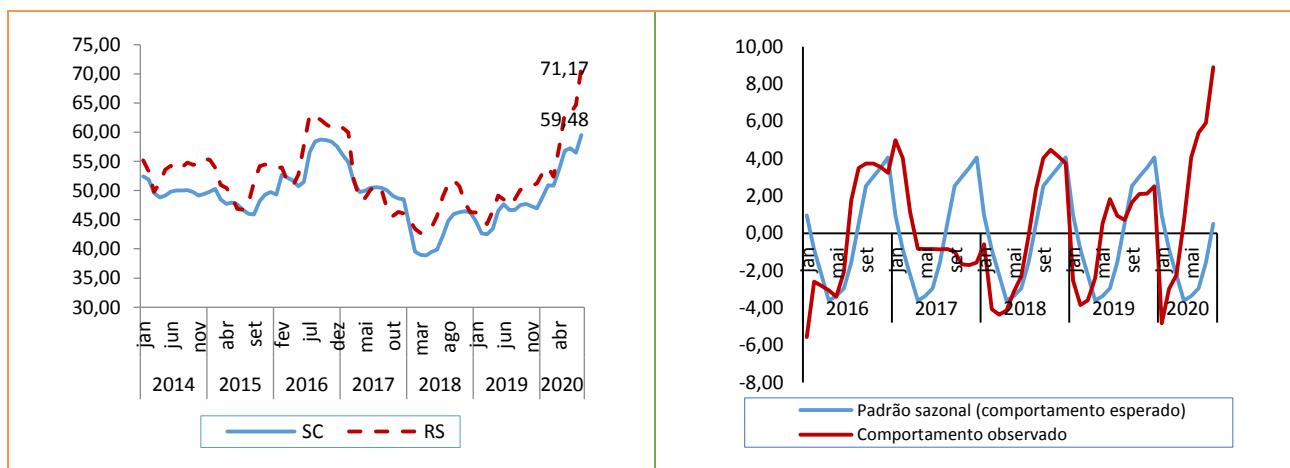


Figura 1. Arroz irrigado – Evolução do preço médio real mensal ao produtor (R\$/sc 50kg) – Santa Catarina e Rio Grande do Sul (Jan. 2014 a agosto 2020) e comparativo do comportamento esperado e observado dos preços catarinenses (%)

Nota: ¹ Estimativa de preços médios da primeira quinzena de agosto de 2020.

Preços corrigidos pelo IGP-Di (Base Julho/2020).

Fonte: Epagri/Cepa (SC) e Cepea (RS).

Mercado externo

As exportações catarinenses também apresentaram comportamento atípico nos últimos meses. De janeiro a julho de 2020, o estado exportou mais de 28 mil toneladas de arroz e importou quase 14 mil toneladas. Até o momento, o volume total exportado equivale a quase cinco vezes o volume total exportado pelo

estado em todo o ano de 2019. Os parceiros tradicionais no comércio foram os que permaneceram neste ano, com destaque para a África do Sul, que importou cerca de 83% do volume total que saiu do estado. Do lado das importações, o principal parceiro comercial foi o Uruguai, origem de aproximadamente 75% do volume importado pelo estado, seguido do Paraguai, responsável por cerca de 18% deste volume.

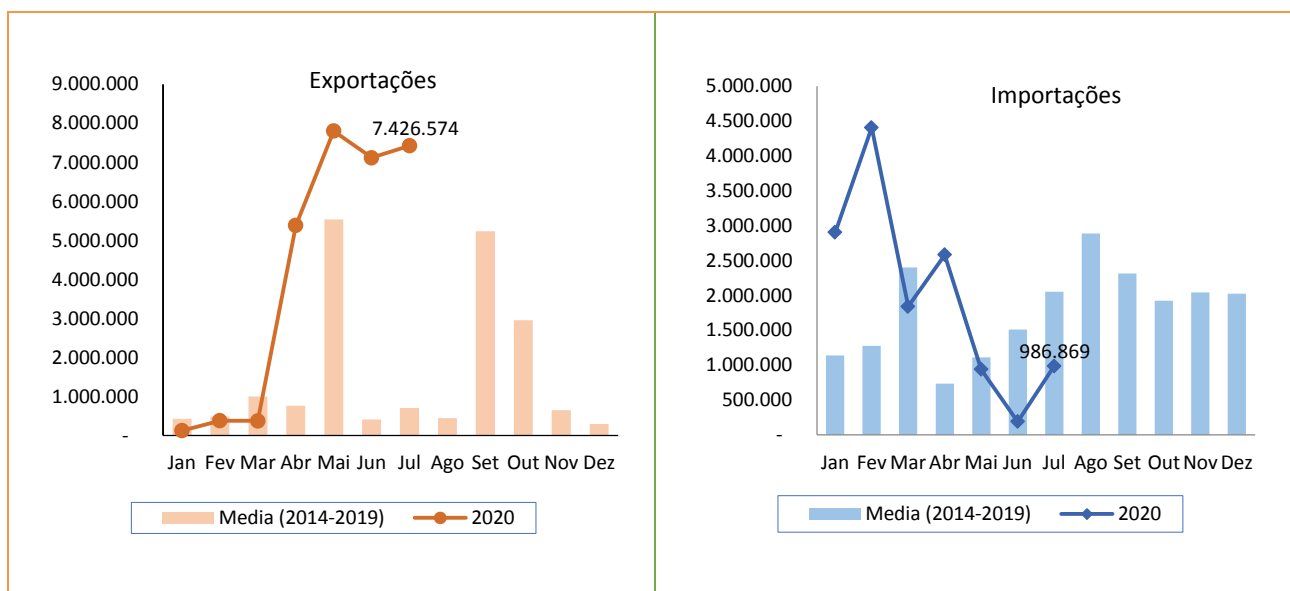


Figura 2. Arroz – Comparativo das exportações e importações mensais médias de 2014 a 2019 e o realizado em 2020 (kg)

Fonte: Comexstat, 2020.

Comparativo de safra

Em relação ao desempenho da safra 2019/20, que se encontra encerrada em Santa Catarina, observou-se que, embora o plantio tenha atrasado em relação à safra anterior, principalmente entre a primeira quinzena de setembro e outubro, em razão da estiagem, o andamento da safra foi normal. Com a conclusão de um trabalho da Epagri em parceria com a Conab, de mapeamento via satélite das áreas de arroz irrigado no estado, foi realizado um ajuste das áreas municipais e, consequentemente, da área estadual. No início da safra estimava-se uma área plantada de aproximadamente 143 mil hectares, passando a valer a partir do mapeamento a área de 149,5 mil hectares, 4,19% a mais. Em relação à produtividade, observou-se que a região sul do estado obteve resultado superior ao obtido em safras anteriores, com média de produtividade acima de 170 sacos por hectare e muitas propriedades que colheram acima de 10 toneladas por hectare na safra. Entre as explicações para este bom desempenho estão o predomínio de cultivares de alto potencial produtivo a campo, a adoção de tecnologia e a condição climática favorável. Cabe destacar que os principais problemas encontrados na safra foram a falta de água em decorrência da estiagem e a ocorrência de plantas daninhas. Mas, apesar de todos os fatores que poderiam depor contra um bom desempenho desta safra, os resultados foram satisfatórios na maioria das regiões, com produtividade média quase 9% superior à obtida na safra passada no estado. Ao todo, a indústria catarinense terá disponível cerca de 1,2 milhão de toneladas de arroz em casca para beneficiamento.

Tabela 1. Arroz irrigado – Santa Catarina: comparativo entre a safra 2018/19 e a safra 2019/20

Microrregião	Safra 2018/19			Estimativa Atual - Safra 2019/20			Variação (%)		
	Área (ha)	Quant. prod. (t)	Rend. médio (kg/ha)	Área (ha)	Quant. prod. (t)	Rend. médio (kg/ha)	Área plant.	Quant. prod.	Rend. médio
Araranguá	51.530	383.657	7.445	58.848	504.920	8.580	14,20	31,61	15,24
Blumenau	8.222	72.177	8.778	7.101	63.364	8.923	-13,63	-12,21	1,65
Criciúma	20.813	148.564	7.138	21.828	191.178	8.758	4,88	28,68	22,70
Florianópolis	1.950	13.591	6.969	1.902	11.783	6.195	-2,46	-13,30	-11,11
Itajaí	9.196	74.573	8.109	9.478	74.451	7.855	3,07	-0,16	-3,13
Ituporanga	190	1.772	9.326	171	1.503	8.790	-10,00	-15,17	-5,75
Joinville	18.225	149.657	8.212	18.226	150.295	8.246	0,01	0,43	0,42
Rio do Sul	9.782	83.759	8.563	10.668	89.466	8.386	9,06	6,81	-2,06
Tabuleiro	120	976	8.131	132	739	5.598	10,00	-24,27	-31,15
Tijucas	2.490	17.819	7.156	2.164	16.201	7.486	-13,09	-9,08	4,61
Tubarão	20.927	157.910	7.546	18.940	150.239	7.932	-9,49	-4,86	5,12
Santa Catarina	143.445	1.104.454	7.699	149.458	1.254.139	8.391	4,19	13,55	8,98

Fonte: Epagri/Cepa (Julho/2020).

Milho

Haroldo Tavares Elias
Engenheiro-agrônomo, Dr. – Epagri/Cepa
htelias@epagri.sc.gov.br

Preços

Em julho, o preço médio mensal pago ao produtor em Santa Catarina foi de R\$44,00/sc de 60kg, 1,6% superior ao de junho e 21,5% superior ao de julho de 2019 (Figura 1). O recuo esperado dos preços não está se concretizando, mesmo com a evolução da colheita da segunda safra nos estados do Centro Oeste. Mato Grosso foi o único estado que apresentou recuo dos preços. A maior oferta está pressionando os preços nos estados produtores.

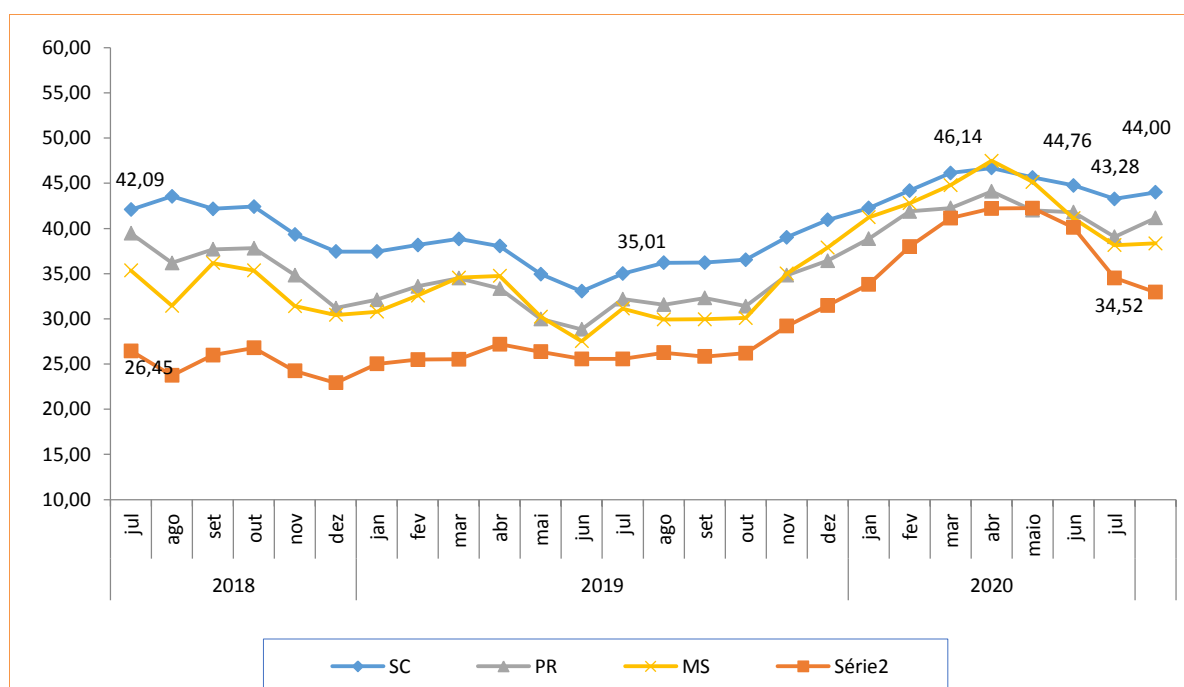


Figura 1. Milho – SC, PR, MT e MS: preço médio mensal pago ao produtor (R\$/sc de 60Kg) – jul. 2018 a jul. 2020 (atualizado IGP-DI)

Fonte: Epagri- Cepa, Deral-PR, Agrolink.

Mercado

Alguns fatores influenciaram o mercado em julho e agosto:

- o dólar fortalecido, acima de 5:1, mantém as exportações competitivas. As negociações ganharam força em julho. Mesmo com as oscilações externas e a baixa cambial compradores mostraram interesse para entregas imediatas;
- a demanda interna reagiu positivamente em relação ao início da pandemia;

- o comportamento dos preços está contrariando uma tendência de retração em plena colheita da segunda safra. Assim, os preços se mantêm fortalecidos e com elevação na primeira quinzena de agosto¹. Para isto, há retenção de parte da produção pelos produtores a espera de preços ainda melhores, o que vem pressionando os preços;
- a disponibilidade interna do produto no segundo semestre deve ser ajustada em função da evolução das exportações;
- o bom desenvolvimento da safra nos EUA até o momento impacta nas cotações internacionais (CBOT). O mercado com forte influência do clima atua forte no período, sendo determinante para a definição da safra norte americana em agosto. No dia 10 de agosto, tempestade conceituada “Derecho” afetou cerca de 3 milhões de hectares nos EUA (estado de Iowa), o que já impacta nos preços na Bolsa Chicago (CBOT).²

Preços médios anuais ao produtor

Nos últimos quatro anos, o mercado de milho apresentou diferentes cenários. Em 2017, com uma super safra e sem um grande volume de exportações, o preço interno pago ao produtor estava abaixo de R\$21,00 reais (atualizado = R\$26,78). Em 2018 e 2019 o mercado reagiu, com valores acima de R\$33,00/sc, já com maior influência do mercado externo e aumento da demanda interna. Em 2020, como reflexo das fortes exportações do produto em 2019 e a relação cambial favorável desde o início do ano, os preços seguem fortalecidos em um patamar acima de R\$43,00 (Figura 2). Em julho continuam os maiores níveis de preços da série, de R\$44,00/sc. A perspectiva é de que o milho permaneça com os preços fortalecidos.

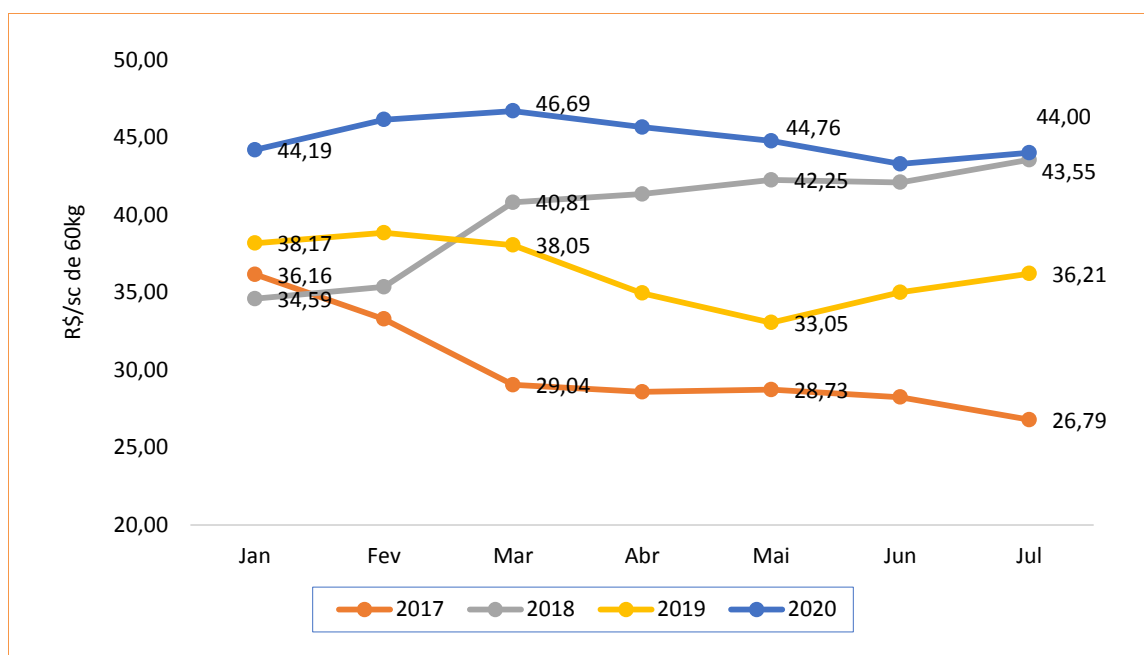


Figura 2. Milho – Preço médio mensal estadual (R\$/sc 60kg) pago ao produtor de jan. a jul. de 2017 a 2020

Fonte: Epagri/Cepa. (Preços corrigidos IGP-DI, base Jul. 2020).

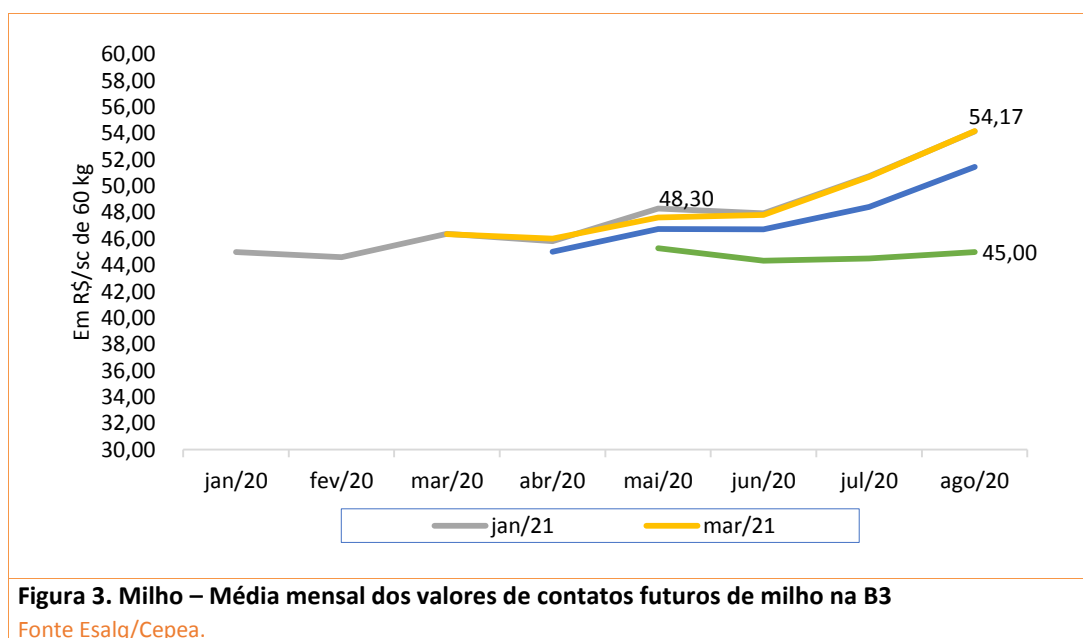
¹ Preço ao produtor em 3 de agosto estava R\$46,00/sc e dia 17 de agosto alcança R\$50,00/sc (praça referência Chapecó).

² <https://farmpolicynews.illinois.edu/2020/08/derecho-damage-begins-to-unfold-estimated-37-7-million-acres-of-farmland-impacted/>

Mercado Futuro

O mercado do milho teve profundas alterações nos últimos cinco anos. Até este período, os preços eram basicamente determinados pelo mercado interno. A partir daí outros dois fatores também passaram a impactar o mercado: as exportações crescentes e a demanda para a produção de etanol. O milho está com maior liquidez e rentabilidade para o produtor. O mercado interno da produção de proteína animal terá que competir com outros mercados em crescimento que demandam o cereal. Em Campinas (SP), o Indicador ESALQ/BM&FBovespa³ registrou aumento de 4,7% entre 30 de junho e 31 de julho, fechando a R\$ 50,79/saca de 60 kg no dia 31. A média do mês foi de R\$ 49,70/saca de 60kg, aumento de 4,1% se comparada à de junho. Já o dólar se desvalorizou significativos 4,2% no período, a R\$ 5,21 no dia 31.

Quanto ao mercado futuro, cada vez mais os produtores e Cooperativas estão optando por esta modalidade de comercialização, por um lado, garante parte do volume do produto necessário ao consumo regional nas agroindústrias, por outro, o produtor tem uma garantia de compra e preços remuneradores. O mercado futuro (referência agosto) aponta para preço R\$54,17/sc (mar.2021), gerando uma expectativa de preços mais estáveis do que os anos anteriores. O crescimento do mercado internacional – o maior número de negociações – do cereal, contribuiu com o aumento da liquidez deste mercado.



Conjuntura e estimativa final da Safra de milho 2019/2020

O milho está presente em mais de 81 mil estabelecimentos agropecuários no estado, seja para fins comerciais ou consumo na propriedade (IBGE, CENSO AGRO 2017). Os dados finais da safra 2019/2020 apontam para uma área cultivada de 334 mil hectares, redução de 3,5% frente à safra passada. A produção total alcançou 2,58 milhões de toneladas (primeira e segunda safras). Conforme relatado nos últimos boletins, a estiagem do início do ano ocasionou perdas de 7,06% relativos à expectativa inicial. Em relação à safra passada, apresentou uma redução de 10,78%. O rendimento na atual safra alcançou 7.726 kg/ha, enquanto na anterior (2018/19) foi de 8.356 kg/ha (Infoagro, 2020). As regiões de Curitibaanos (Campos Novos) e Campos de Lages são as que apresentaram as maiores reduções na produtividade, pois foram as mais afetadas pela falta de chuvas e pelo forte calor no início do ano.

³ <https://www.cepea.esalq.usp.br>

MRG	Verão-2018/19			Verão-2019/20			Variação (%)		
	Área plant. (ha)	Prod. média (kg/ha)	Quant. (t)	Área plant. (ha)	Prod. média (kg/ha)	Quant. (t)	Área plantada	Quant. prod.	Rend. médio
Araranguá	8.450	6.748	57.023	8.113	6.396	51.891	-4,0	-5,2	-9,0
Blumenau	1.872	4.597	8.605	1.890	4.648	8.785	1,0	1,1	2,1
C. de Lages	32.300	7.992	258.140	30.580	4.337	132.635	-5,3	-45,7	-48,6
Canoinhas	29.300	8.670	254.032	29.900	8.970	268.190	2,0	3,5	5,6
Chapecó	51.751	8.390	434.186	47.240	8.765	414.066	-8,7	4,5	-4,6
Concórdia	24.350	7.381	179.731	23.350	7.263	169.600	-4,1	-1,6	-5,6
Criciúma	7.464	6.709	50.074	7.425	6.541	48.568	-0,5	-2,5	-3,0
Curitibanos	24.335	10.618	258.392	26.065	8.290	216.081	7,1	-21,9	-16,4
Florianópolis	93	4.667	434	11	3.182	35	-88,2	-31,8	-91,9
Ituporanga	10.980	7.083	77.766	10.960	5.896	64.620	-0,2	-16,8	-16,9
Joaçaba	57.425	9.190	527.732	57.895	8.479	490.916	0,8	-7,7	-7,0
Joinville	335	5.082	1.703	460	5.389	2.479	37,3	6,0	45,6
Rio do Sul	20.165	6.855	138.239	19.320	5.565	107.511	-4,2	-18,8	-22,2
São B. do Sul	4.100	7.963	32.650	3.600	8.208	29.550	-12,2	3,1	-9,5
São M. do Oeste	38.933	7.591	295.534	33.594	8.104	272.249	-13,7	6,8	-7,9
Tabuleiro	2.975	5.705	16.972	2.881	4.674	13.466	-3,2	-18,1	-20,7
Tijucas	1.735	5.245	9.100	2.530	4.275	10.815	45,8	-18,5	18,8
Tubarão	5.858	6.182	36.213	5.076	6.119	31.061	-13,3	-1,0	-14,2
Xanxerê	23.690	10.819	256.312	23.180	10.715	248.362	-2,2	-1,0	-3,1
Total Geral	346.111	8.358	2.892.836	334.070	7.726	2.580.880	-3,5	-7,6	-10,8

Área plantada atual por microrregião do IBGE (ha)

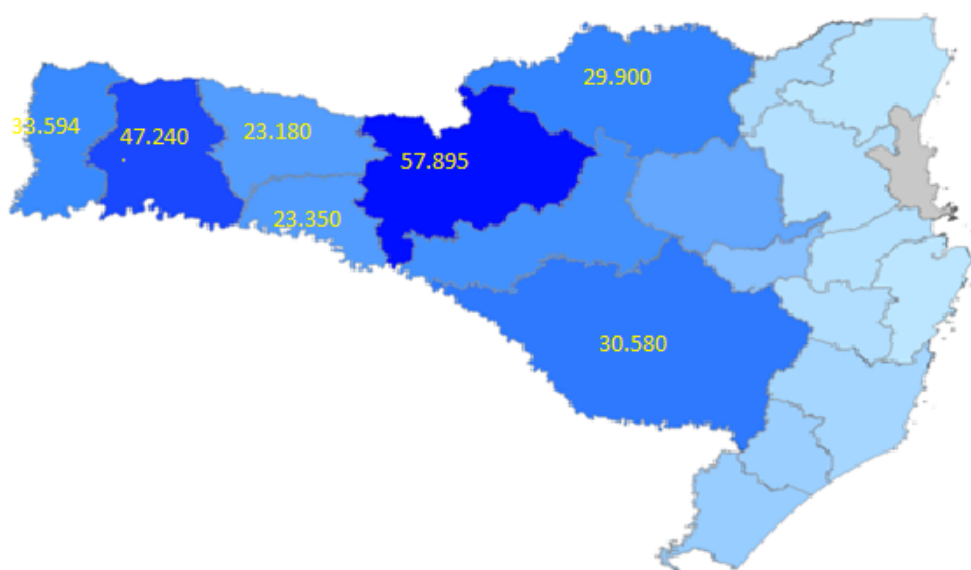


Figura 4. Milho – Área cultivada por microrregião do estado – Safra 2019/2020, dados finais

Fonte Epagri/Cepa.

Importações de milho

O consumo total de milho do estado de Santa Catarina ultrapassa a 7 milhões de toneladas por ano, dos quais cerca de 4 milhões são oriundos de outros estados. Mato Grosso do Sul e Paraná são os principais fornecedores. Além disto, são necessárias importações, que em 2019 somaram 695 mil toneladas. Até julho de 2020 as importações somam 154,7 mil toneladas, com origem principal o Paraguai. O ritmo das

importações está menor até o momento. Com a segunda safra superando os 73 milhões de toneladas poderá atender a demanda. As exportações do Brasil e preço de paridade do milho nos portos determinam este movimento.

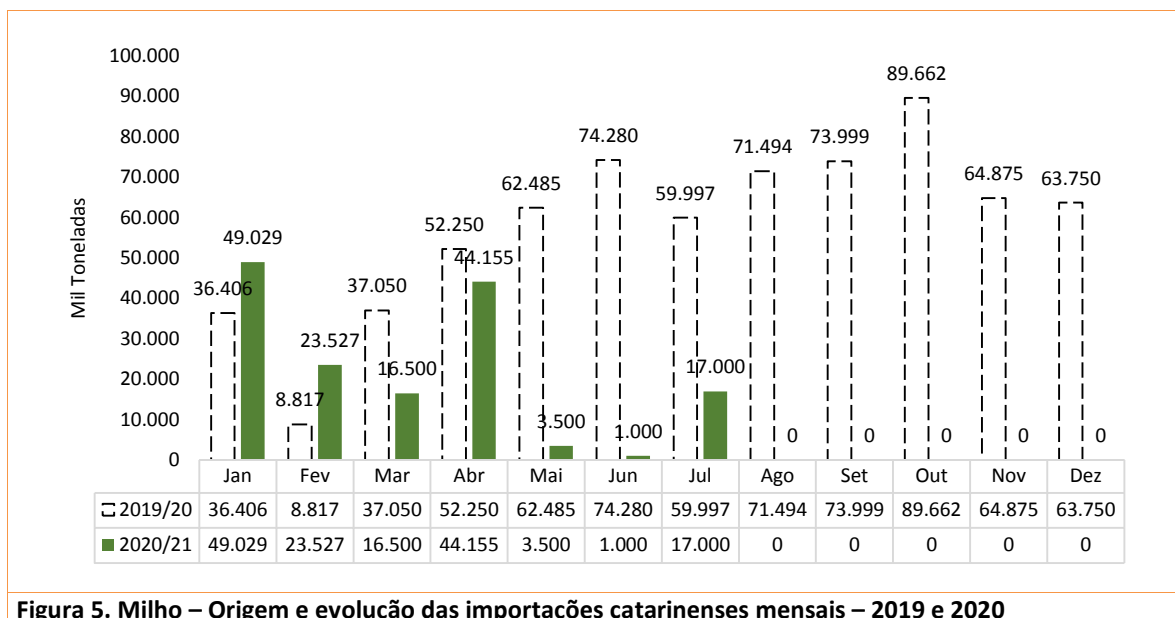


Figura 5. Milho – Origem e evolução das importações catarinenses mensais – 2019 e 2020

Produção nacional⁴

Milho total

Produção recorde de 102,1 milhões de toneladas. A primeira safra teve a colheita finalizada e a segunda está finalizando. Para o fechamento da safra restam as lavouras cultivadas na região do Sealba (Sergipe, Alagoas, nordeste da Bahia), além dos cultivos de Pernambuco e Roraima, que representam 1,5% da produção nacional de milho.

Mercado mundial – evolução da safra americana⁵

O relatório mensal de agosto/2020 de oferta e demanda divulgado pelo Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA), elevou a previsão de produção de milho do país em 2020/2021 de 381 milhões de toneladas, em julho, para um recorde de 388 milhões de toneladas em agosto. O clima foi positivo para o bom desenvolvimento das lavouras. Elevou, assim, a projeção de produtividade média de 10,2 toneladas por hectare em julho, para 10,4 toneladas por hectare em agosto. O USDA também aumentou a estimativa de estoques finais do cereal na temporada 2020/2021, para 70,0 milhões de toneladas em agosto, ante a projeção de 67,2 milhões de toneladas em julho e a estimativa de exportações na temporada 2020/2021, de 54,6 milhões de toneladas em julho, para 56,5 milhões de toneladas em agosto. A projeção de uso para etanol foi mantida em 132,1 milhões de toneladas.

⁴ | Conab | ACOMPANHAMENTO DA SAFRA BRASILEIRA DE GRÃOS | v. 7 - Safra 2019/20, n.11- Décimo primeiro levantamento, agosto 2020.

⁵ USDA. 11 August 2020, Global Market Analysis. Foreign Agricultural Service.

Milho - Silagem

Haroldo Tavares Elias
Engenheiro-agrônomo, Dr. – Epagri/Cepa
htelias@epagri.sc.gov.br
Felipe Jochims
Zootecnista, Dr. – Epagri/Cepaf
felipejochims@epagri.sc.gov.br

Milho para fins de silagem

O cultivo de milho para fins de silagem está presente em 37.627 estabelecimentos agropecuários, na sua grande maioria em pequenos produtores, com mão de obra familiar. A área de cultivo tem apresentado um crescimento expressivo em Santa Catarina. Segundo os levantamentos da Epagri/Cepa, a área passou de 120.600 ha, em 2013/14 (Infoagro, 2020⁶), para 219.606 ha em 2019/20 (Figura 1). Esse crescimento superior a 80% na área cultivada representa uma taxa de crescimento superior a 10% ao ano. Parte significativa do crescimento da área de milho-silagem se deu sobre áreas originalmente cultivadas com milho-grão e também sobre áreas ocupadas com pastagens naturais. Essa expansão da área de milho-silagem está diretamente relacionada ao expressivo crescimento e importância da produção leiteira em Santa Catarina.

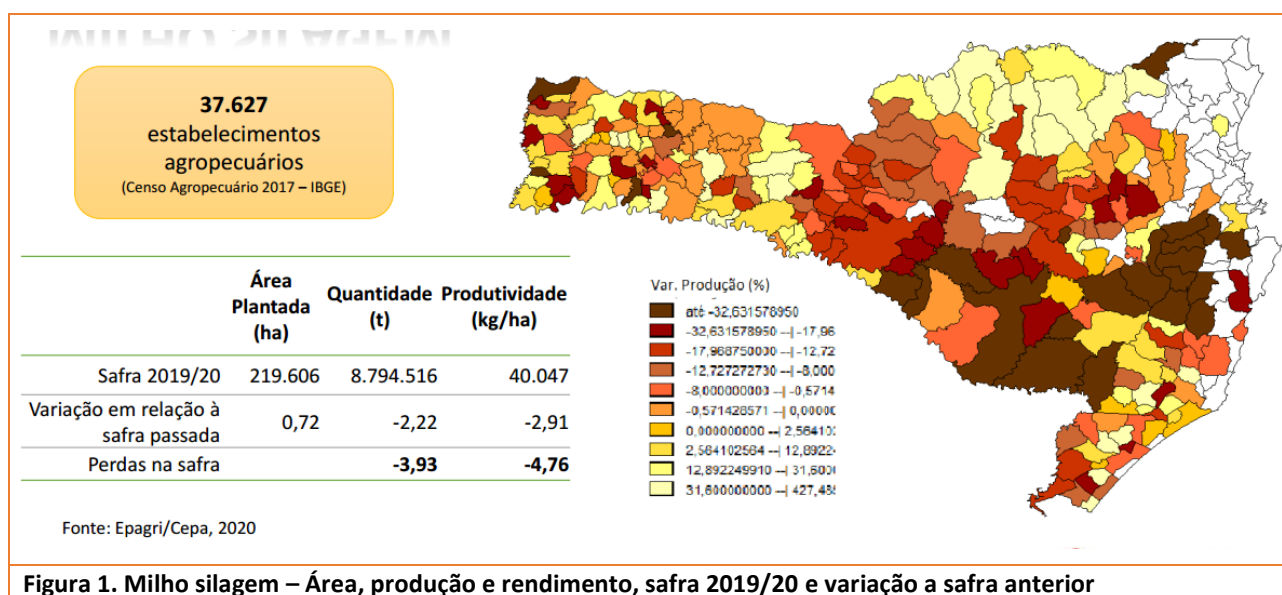


Figura 1. Milho silagem – Área, produção e rendimento, safra 2019/20 e variação a safra anterior

Acompanhando o desenvolvimento da cadeia produtiva do leite em Santa Catarina, a concentração da produção do milho para silagem (Figura 2) é mais intensiva na macrorregião Oeste. Cerca de 50% do cultivo de milho silagem se concentra nas regiões de Chapecó e São Miguel do Oeste, seguido pelas regiões de Concórdia, Xanxerê e Joaçaba são as principais regiões produtoras(Tabela 2).

⁶ <http://www.infoagro.sc.gov.br/index.php/safra/producao-vegetal>.

Tabela 1. Milho silagem – Safra 2019/20 e comparativo safra 2018/19 – área, produção e rendimento

MRG	Verão-2018/19			Verão-2019/20		
	Área plant. (ha)	Prod. méd. (kg/ha)	Quantidade (t)	Área plant. (ha)	Prod. méd. (kg/ha)	Quantidade (t)
Araranguá	5.027	34.582	173.842	4.756	34.337	163.305
Blumenau	1.882	36.980	69.596	1.915	37.791	72.370
Campos de Lages	4.700	42.343	199.010	5.150	30.052	154.766
Canoinhas	4.650	34.527	160.550	5.600	38.911	217.900
Chapecó	56.614	41.569	2.353.370	55.824	41.986	2.343.830
Concórdia	21.383	36.930	789.680	23.015	37.297	858.386
Criciúma	4.407	44.538	196.278	4.693	44.309	207.943
Curitibanos	2.730	53.297	145.500	2.810	44.413	124.800
Florianópolis	95	37.632	3.575	180	28.889	5.200
Itajaí	50	35.000	1.750	160	40.938	6.550
Ituporanga	1.760	37.017	65.150	1.960	36.704	71.940
Joaçaba	15.520	51.037	792.100	15.640	45.386	709.830
Joinville	-	-	-	180	34.167	6.150
Rio do Sul	11.590	35.763	414.490	11.260	33.062	372.280
São Bento do Sul	900	34.444	31.000	900	37.222	33.500
São Miguel do Oeste	53.014	39.898	2.115.130	52.327	37.661	1.970.697
Tabuleiro	1.540	47.727	73.500	1.075	35.930	38.625
Tijucas	2.590	34.803	90.140	1.090	36.055	39.300
Tubarão	11.610	37.827	439.176	11.621	36.933	429.194
Xanxerê	17.980	48.952	880.150	19.450	49.766	967.950
Total Geral	218.042	41.249	8.993.987	219.606	40.047	8.794.516

Fonte: Epagri/Cepa.

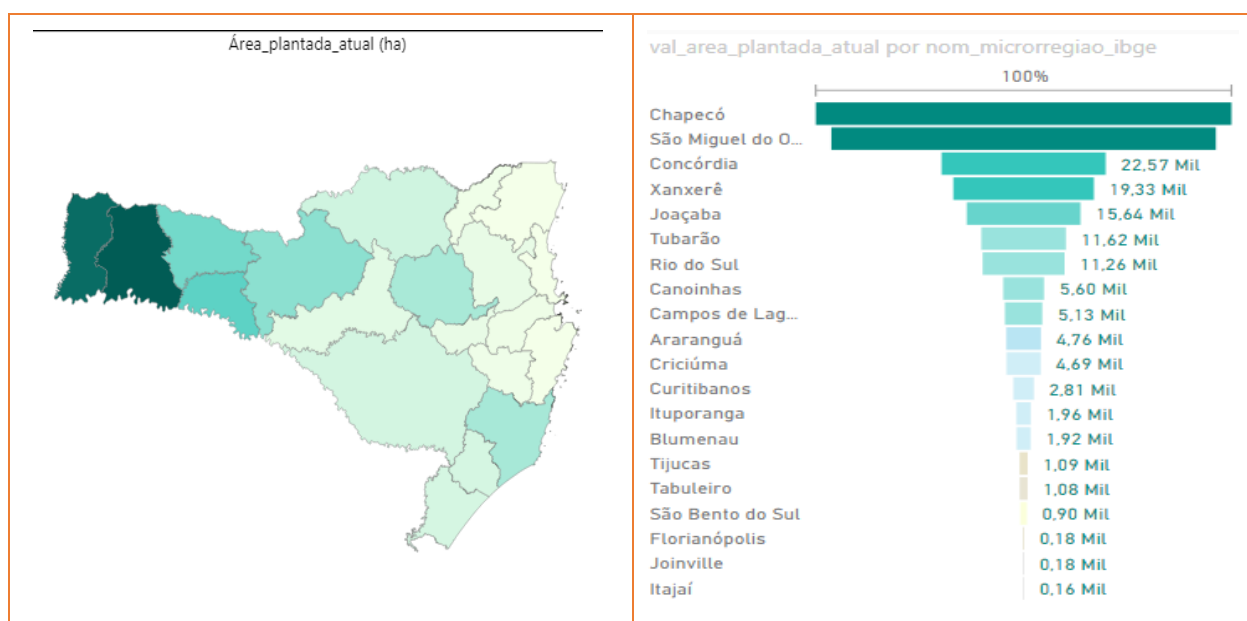


Figura 2. Milho silagem – Visão da produção de silagem nas microrregiões geográficas de Santa Catarina – Safra 2019/2020

Fonte: Epagri/Cepa.

Quanto ao rendimento, são observadas variações entre 28 a 49,7 toneladas de matéria verde produzida por hectare. Essas diferenças se devem a uma parcela de produtores que investem em base de produção de alta tecnologia, mesmo em pequenas áreas, onde é necessário a produção de silagem para o inverno e períodos de estiagens, quando as pastagens tem menor crescimento.

Mercado de Silagem

O mercado de silagem ainda é pouco expressivo no contexto geral do estado. A maioria dos produtores cultiva o milho para fins de silagem, produz no seu estabelecimento a alimentação de bovinos de leite e corte, deixando essa comercialização apenas para casos emergenciais.

Algumas empresas atuam neste mercado crescente. No sul do estado uma empresa compra a lavoura de milho do produtor, pagando o equivalente a R\$130,00/t de massa verde bruta. O material é colhido, transportado e a própria empresa produz a silagem, a qual é posteriormente comercializada na região.

Também existem outras empresas especializadas no feitiço de silagem. Essas empresas realizam os serviços de corte, trituração, transporte e o produtor realiza os trabalhos de compactação na sua propriedade. Os valores reportados neste caso está entre R\$900,00 a R\$1.000,00 por hectare de lavoura processada.

No entanto, na maioria das regiões os negócios são acordos entre vizinhos, evitando os custos de transporte. Normalmente o valor é calculado sobre o rendimento da lavoura, no caso o milho, é estimado o rendimento em grãos e adicionado um valor de 10-20%. Uma lavoura de 140 sc/ha, tem estimado a preços de julho milho a R\$44,00/sc, a lavoura teria o valor comercializado de R\$6.160,00/ha, no entanto, esses valores podem variar de acordo com as condições climáticas e/ou mercadológicas. Em função da estiagem este ano, por exemplo, há registro de negócio de lavouras comercializadas em cerca de R\$10 mil reais. Existe um mercado crescente que se estabelece, mesmo que ainda de maneira informal, em função da restrição de área de cultivo dos criadores que se especializam nas suas atividades, produção de leite e carnes.

Soja

Haroldo Tavares Elias
Engenheiro-agrônomo, Dr. – Epagri/Cepa
htelas@epagri.sc.gov.br

Preços

Em Santa Catarina, em julho os preços da soja apresentaram reação de 3,64% frente a junho. No ano, apresentam elevação de cerca de 19%, enquanto nos últimos doze meses a alta foi de 33,7%, demonstrando uma forte elevação no período. No Paraná e Mato Grosso o comportamento foi semelhante.

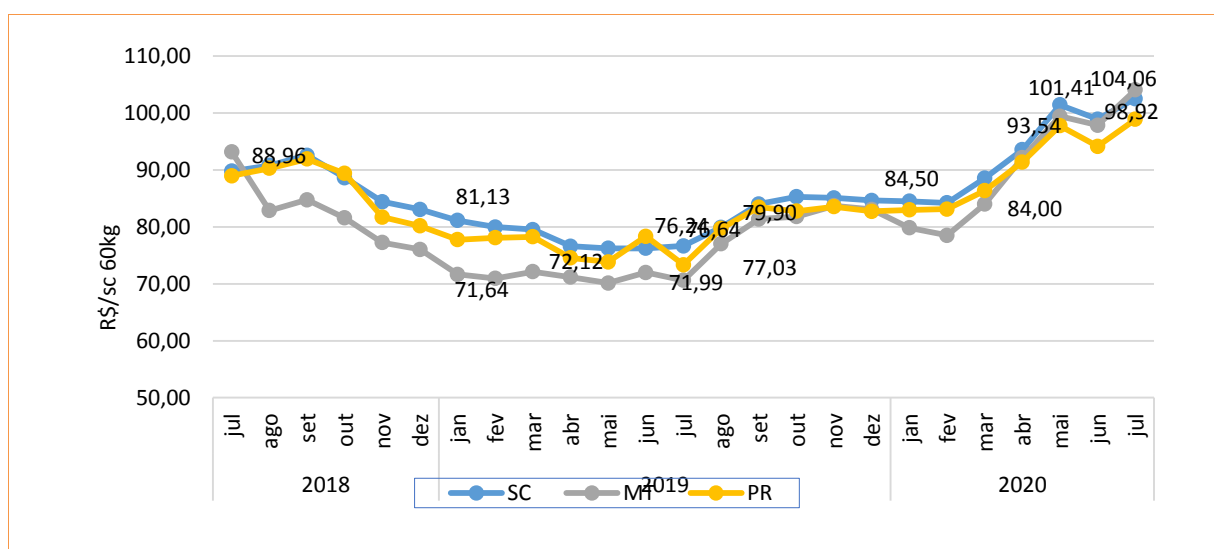


Figura 1. Soja em grão – Preço médio mensal ao produtor – Santa Catarina, Paraná e Mato Grosso – jul./2018 a jul./2020 – (corrigido IGP-DI, base jul. 2020)

Fonte: Epagri/Cepa (2020); Deral – PR e Agrolink (MT).

Fatores que influenciaram os preços em julho e agosto de 2020:

- A pandemia do coronavírus, que impacta na demanda do mercado internacional, reflete nos preços das commodities. Queda nos preços no mercado Chicago (CBOT) desde março, com recuperação nas cotações em julho, em função das informações da safra americana. Nos meses de julho e agosto o mercado tem forte influência do clima no comportamento dos preços.
- Os preços CBOT continuam em alta, motivados pelas fortes vendas para exportações americanas da safra 2020/21. Os preços spot internacionais chegaram a ultrapassar o valor de resistência de US\$9/bu. O desenvolvimento da cultura nos EUA para a safra 2020/21 e o acirramento da disputa político-econômica entre Estados Unidos e China devem mexer no mercado internacional em agosto.

Evolução dos preços da soja de janeiro a julho em Santa Catarina (2014-2020)

O dólar, acima de R\$5,20 em julho, continua sendo o principal fator de alta e sustentação dos preços no primeiro semestre. Os preços tem apresentado recordes no ano, sendo que em julho apresentou os maiores valores da série desde 2014 (valores atualizados IGP-DI, base julho 2020). Os preços retornaram aos patamares de 2014. Na primeira quinzena de agosto, os preços continuam apresentando alta

significativa, com R\$103,00/sc em 3 de agosto e registrando R\$110,00/sc em 17 de agosto (preços diários Epagri/Cepa, referência Chapecó). A valorização das commodities agrícolas está relacionada a maior demanda internacional pelos grãos, uma forma de garantir estoques e segurança alimentar nos países europeus e China.

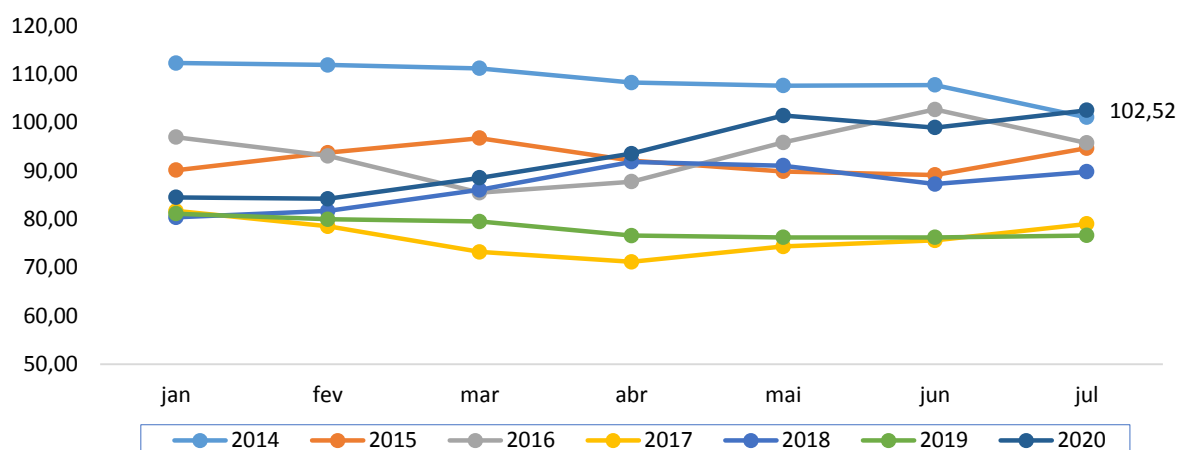


Figura 2. Soja – Santa Catarina: evolução dos preços ao produtor. Jan a jul de 2014-a 2020 – (Valores atualizados, base jul./2020)

Exportações de soja – Santa Catarina

Em 2019 foram exportadas 1,86 milhões de toneladas de soja. Os embarques em 2020 estão apresentando um ritmo superior ao mesmo período de 2019, totalizando, de janeiro a julho, 1,63 milhões de toneladas, volume recorde da série no período, segundo os registros do Ministério da Economia - MDIC⁷ (Figura 3). Cerca de 90% foram destinados para China, que apresentou uma forte demanda até julho. A maior parte dos embarques do produto é realizada no Porto de São Francisco do Sul.

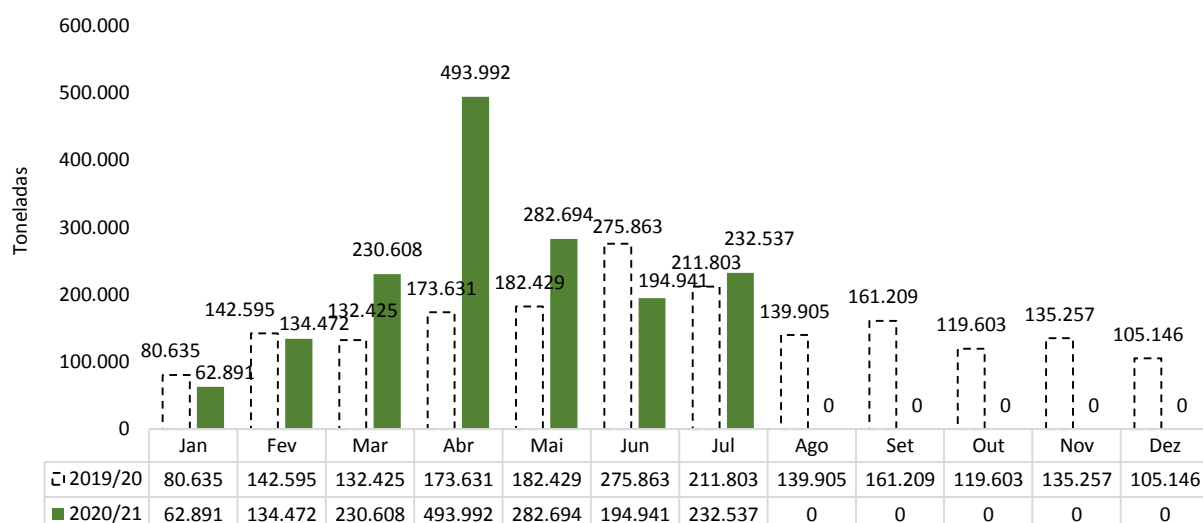


Figura 3. Soja – Exportações de soja – Jan. a jul. 2020 – Santa Catarina (toneladas)

Fonte: MDIC-Secex, Maio, 2020.

⁷ MDIC. <http://comexstat.mdic.gov.br>.

Brasil

De acordo com os dados finais safra 2019/20, o Brasil teve produção recorde, estimada em 120,9 milhões de toneladas, ganho de 5,1% em relação à safra 2018/19. A colheita está finalizada⁸.

Produção norte americana⁹

O relatório de julho (safra 2020/21) registra a produção norte americana em 112,5 milhões de toneladas; já no relatório de agosto a estimativa é elevada para 120,4 milhões de toneladas. Essa alteração nas estimativas impactou no mercado internacional no início de agosto. O que influencia no momento para o mercado é o desenvolvimento da safra americana e o quanto a China ainda irá importar de soja até o fim de 2020. As perdas em função das fortes tempestades nos EUA, conceituada “Derecho” que afetaram mais de 2 milhões de hectares no estado de Iowa e região do “corn belt”, não estão contabilizadas neste relatório.

⁸ Conab | ACOMPANHAMENTO DA SAFRA BRASILEIRA DE GRÃOS | v. 7 - Safra 2019/20 n.11 - Décimo primeiro levantamento, agosto 2020

⁹ USDA 14 August 2020. Oilseed: Global Market Analysis.

Trigo

João Rogério Alves
Engenheiro-agrônomo, M.Sc. – Epagri/Cepa
joaoalves@epagri.sc.gov.br

Mercado

Avançamos no mês de agosto com as cotações do trigo em alta. No mercado catarinense, a valorização da saca de 60 kg do cereal, no mercado balcão, chegou a 2,4%, passando de R\$55,01 em junho para R\$56,35 em julho. A alta nos preços pagos aos produtores também foi registrada nos estados de Goiás e Rio Grande do Sul, de 6,0% e 5,9%, respectivamente. Na comparação com um ano atrás, em termos nominais, os preços pagos aos produtores aumentaram em todos os estados acompanhados. No mercado catarinense, esse crescimento foi de 34%. Já nos estados produtores da região Centro-Oeste, onde a safra de trigo começa a ser colhida e vem registrando excelente produtividade. No último mês, produtores de Goiás, por exemplo, tiveram um incremento de cerca de 46,8% no preço recebido em comparação com o mesmo período do ano passado.

Tabela 1. Trigo Grão – Preços médios pagos ao produtor – R\$/saca de 60kg

Estado	jul./20	jun./20	variação mensal (%)	jul./19	variação anual (%)
Santa Catarina	56,35	55,01	2,44	42,05	34,0
Paraná	57,48	58,48	-1,71	45,76	25,6
Mato Grosso do Sul	55,50	56,75	-2,20	47,74	16,3
Goiás	73,96	69,75	6,04	50,37	46,8
Rio Grande do Sul	56,89	53,69	5,96	41,69	36,5

Nota: Trigo Pão PH78.

Fonte: Epagri/Cepa (SC), SEAB/Deral (PR), Conab (MS, GO e RS). Agosto, 2020.

Em relação dos derivados do trigo, dados do Cepea/Esalq apontam que, em julho, houve aumento nos preços médios pagos às farinhas destinadas à produção de massa e panificados. O motivo para essa alta foi a diminuição das restrições impostas pelo isolamento social em muitos estados e municípios, o que proporcionou a reabertura de muitos estabelecimentos comerciais não essenciais, principalmente em grandes centros consumidores. A expectativa para os próximos meses é de aumento na demanda pelos derivados de trigo. Quanto ao farelo de trigo, a baixa disponibilidade do produto pelos moinhos tem limitado a oferta, aspecto que sustenta os preços em tendência altista. No mercado nacional, o Cepea/Esalq registrou, no mês de julho, alta de 4,7% para o farelo de trigo ensacado e 3,7% para o a granel.

Safra Nacional

Com o término da safra 2019/20, a Conab atualizou seus números finais, com a produção nacional fechando em 5,15 milhões de toneladas e uma importação de 6,67 milhões de toneladas, restando um estoque de passagem de 227 mil toneladas. Para a safra 2020/21, as estimativas atuais apontam que deverão ser produzidas cerca de 6,83 milhões de toneladas, o que representa um incremento de 32,5% na produção nacional. Para atender a demanda nacional, será necessária a importação de cerca de 6,7 milhões de toneladas, para um consumo estimado de 12,5 milhões de toneladas.

A cultura do trigo vem se consolidando como um importante alternativa para o fornecimento de grãos no período do inverno. Nesse sentido, a Embrapa vem desenvolvendo um excelente trabalho no desenvolvimento de variedade adaptadas ao clima da região, tanto para o plantio da safrinha (sequeiro),

quanto sob sistema irrigado. Um exemplo disso é o estado do Goiás, que na safra passada alcançou uma produtividade média de 4.900kg/ha (81,6 sacos/ha), enquanto que a produtividade média nacional foi de 2.526kg/ha (42,1 sacos/ha), e a catarinense fechou em 3.047kg/ha (50,8 sacos/ha).

Tabela 2. Trigo Grão – Balanço de oferta e demanda (1.000 toneladas)

Safra	Estoque inicial	Produção	Importação	Suprimento	Consumo	Exportação	Estoque final
2017	2.839	4.262	6.387	13.488	11.245	206	2.037
2018	2.037	5.428	6.753	14.218	12.436	583	1.199
2019	1.199	5.155	6.677	13.030	12.461	342	227
2020 (ago./20)	227	6.832	6.700	13.760	12.497	500	762

Nota: estoque de passagem em 31 de julho.

Fonte: Conab. Agosto/2020.

Safra Catarinense

O plantio da safra 2020/21 está praticamente concluído, alcançando cerca de 98,96%, restando poucas áreas a serem semeadas na Microrregiões de Campos de Lages. A cultura vem apresentando excelente desenvolvimento em todo estado, com lavouras em diferente estágios de desenvolvimento. Na grande maioria, as condições fitossanitárias das lavouras são muito boas, mas, na região Oeste, produtores estão atentos para a ocorrência de manchas foliares. Em todo o estado, cerca de 7% da área plantada já alcançou a fase de florescimento. O clima seco e frio está favorecendo a cultura.

Tabela 3. Trigo grão – Comparativo entre a safra 2019/20 e a estimativa atual da safra 2020/21

Microrregião	Safra 2019/20			Estimativa atual safra 2020/21			Variação (%)		
	Área plantada (ha)	Quant. prod. (t)	Rend. médio (kg/ha)	Área plantada (ha)	Quant. prod. (t)	Rend. médio (kg/ha)	Área	Quant. prod.	Rend. médio
Campos de Lages	924	2.158	2.336	954	2280	2.389	3	6	2
Canoinhas	9.500	35.419	3.728	11.100	41.310	3.722	17	17	0
Chapecó	11.584	34.323	2.963	12.114	36.066	3.030	5	5	2
Concórdia	706	1.985	2.812	781	2.187	2.800	11	10	0
Curitibanos	7.301	23.268	3.187	9.040	37.938	4.197	24	63	32
Ituporanga	840	2.078	2.473	781	1.889	2.479	-7	-9	0
Joaçaba	3.848	10.939	2.843	4.126	14.078	3.310	7	29	16
Rio do Sul	200	485	2.425	250	605	2.500	25	25	3
São Bento do Sul	500	1.710	3.420	600	2.088	3.480	20	22	2
São Miguel do Oeste	3.748	8.100	2.161	4.570	12.014	2.618	22	48	21
Xanxerê	11.650	34.309	2.945	10.870	31.895	2.998	-7	-7	2
Santa Catarina	50.801	154.774	3.047	55.186	182.350	3.321	9	18	9

Fonte: Epagri/Cepa. Agosto, 2020.

Hortaliças

Alho

Jurandi Teodoro Gugel
Engenheiro-agrônomo - Epagri/Cepa
jurandigugel@epagri.sc.gov.br

Os bons resultados da safra de alho 2019/20 estão refletiram positivamente nas perspectivas da cadeia produtiva da cultura do alho em Santa Catarina, tanto que a estimativa para a nova safra 20/21 aponta para um crescimento de 8,85% na área plantada, alcançando a 1.993ha, segundo a Epagri/Cepa.

Preço

No mês de julho o mercado foi surpreendido com a oscilação brusca de preços no mercado nacional provocada por expressivo volume de alho ofertado oriundo do estado de Minas Gerais.

No mercado atacadista da CEAGESP, unidade do município de São Paulo, maior central de abastecimento do Brasil, o alho roxo nobre nacional, classe 5, foi comercializado na primeira semana de julho a R\$24,60/kg, fechando o mês com preço de R\$15,00/kg, redução significativa de 39,02%.

O alho classe 6, no mesmo período, passou de R\$28,84/kg para R\$18,69/kg, redução de 35,19%, e o alho classe 7 fechou julho a R\$20,69/kg, redução de 32,91% em relação ao início do mês.

Na primeira semana de agosto, os preços para todas as classes do alho roxo nacional tiveram mais reduções, sendo de 0,6% para o alho classe 5, 11,25% para o alho classe 6 e 9,47% para o alho classe 7, reflexo da grande oferta proveniente da produção do Cerrado.

No caso do alho chinês, o preço de atacado também oscilou passando de R\$15,00/kg no início da segunda quinzena de julho para R\$12,75/kg no início na primeira semana de agosto, redução de 15,00%.

Na Ceasa/SC, unidade de São José, o alho nobre nacional, classes 4 e 5, que foi comercializado em junho a R\$23,50/kg, também teve redução e fechou o mês de julho a R\$14,00/kg, redução de 40,42%.

O alho classes 6 e 7, que finalizou o mês de junho a R\$24,50/kg, no final de julho fechou a R\$17,00/kg, redução de 30,61%.

Como pode ser observada, a queda nos preços no mercado nacional foi importante.

Produção

O plantio da safra 2020/21 está concluído nas principais regiões produtoras de Santa Catarina. Conforme o acompanhamento de campo da Epagri/Cepa as condições das lavouras estão sendo consideradas de boas a muito boas, no se que refere ao estado fitossanitário, manejo da cultura e das tecnologias utilizadas pelos produtores.

Comércio exterior

Em julho, a China não só manteve sua posição de maior fornecedora de alho para o Brasil, como ampliou sua participação, seguida pela Espanha e grande redução de entrada de produto argentino.

Como pode ser observado, as 23,33 mil toneladas internalizadas no mês de julho é o maior volume mensal desde janeiro de 2017 (Tabela1).

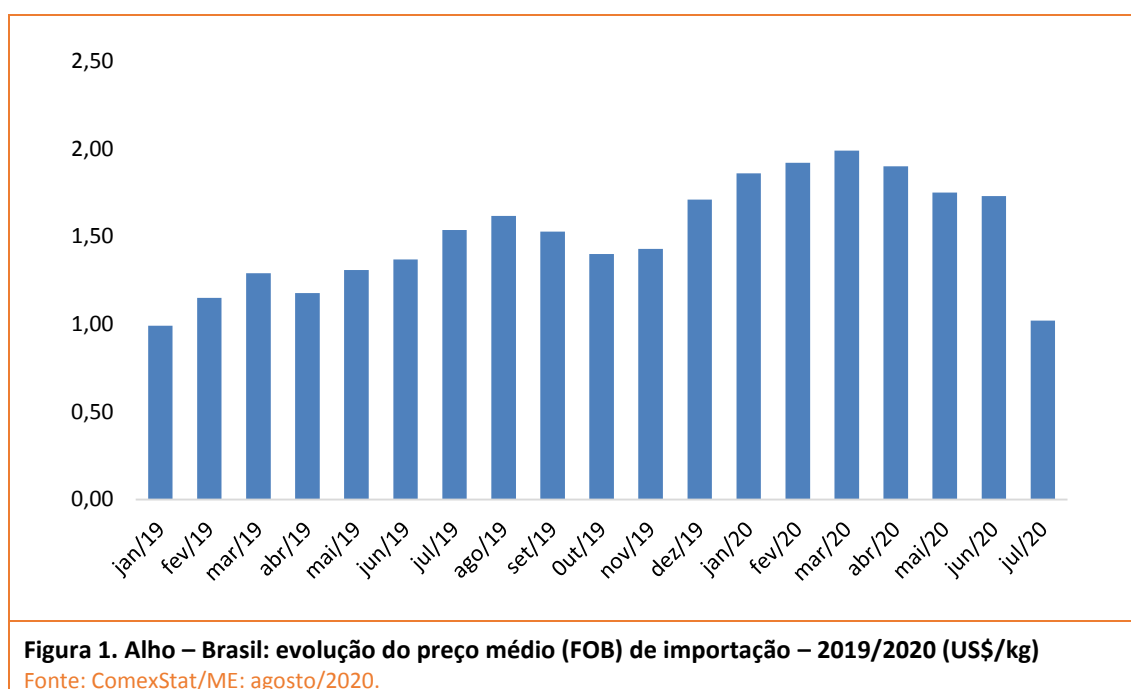
Nos primeiros sete meses deste ano o Brasil importou 125,34 mil toneladas do produto, enquanto no mesmo período do ano passado o volume importado foi de 106,91 mil toneladas, portanto um crescimento 17,24% no período (Tabela 1).

Tabela 1. Alho – Brasil: importações de jan. 2017 a jul. 2020 (mil t)

Ano	Jan.	Fev.	Mar.	Abr.	Maio	Jun.	Jul.	Ago.	Set.	Out.	Nov.	Dez.	Total
2017	12,63	10,00	12,79	12,38	13,90	9,43	12,97	18,12	12,02	13,64	11,20	20,12	159,20
2018	17,24	14,53	17,28	14,77	16,67	13,33	15,99	12,70	8,61	10,39	7,59	15,71	164,48
2019	18,06	16,28	13,59	15,77	15,56	12,58	15,05	11,21	7,78	11,16	9,20	19,19	165,45
2020	20,43	15,07	16,36	14,57	16,69	18,92	23,33	-	-	-	-	-	125,34

Fonte: Comexstat/ME: agosto/2020.

O preço médio (FOB) do alho importado em julho não só manteve a tendência de queda como teve significativa redução, ficando em US\$ 1,02/kg, redução de 41,04% em relação ao mês de junho, voltando ao patamar de janeiro de 2019. Nos últimos cinco meses a redução de preços no mercado internacional é de 48,74% (Figura 1).



Na Figura 2 é apresentada a evolução da quantidade de alho internalizada pelo Brasil e o desembolso mensal de janeiro a dezembro de 2019 e janeiro a julho de 2020.

Em janeiro deste ano foram importadas 20,43 mil toneladas de alho, que era o maior volume no período considerado, quadro superado no mês de julho com o novo recorde de importação mensal de alho para dos últimos três anos e meio.

No mês de julho o volume total importado foi de 23,33 mil toneladas, enquanto que em julho de 2019 a importação foi de 15,04 mil toneladas, ou seja, crescimento de 55,12%. Em relação ao desembolso com a importação, no mês de julho o total foi de US\$23,7 milhões (FOB), (Figura 2).

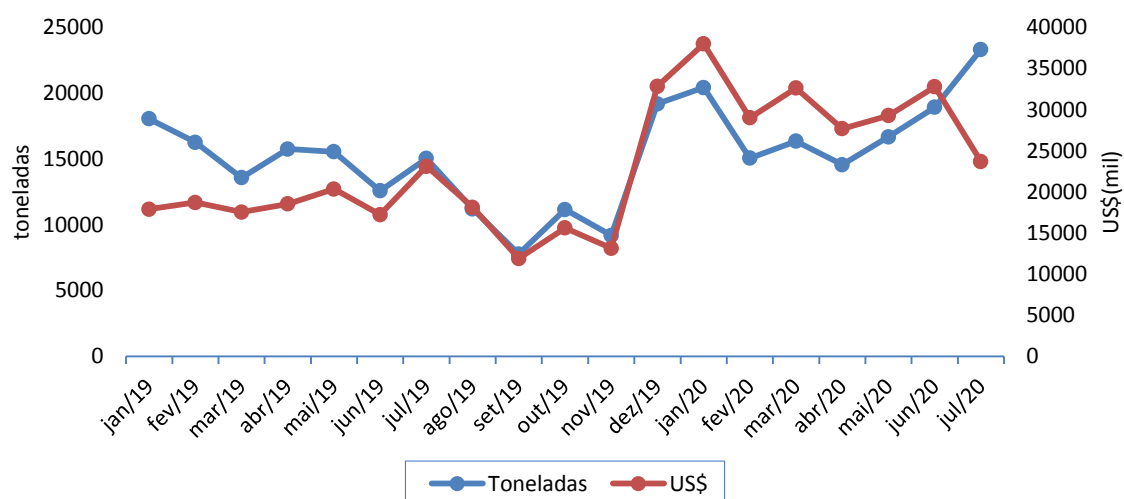


Figura 2. Alho – Brasil: volume e valores da importação mês a mês – 2019 a jul./2020

Fonte: ComexStat/ME: agosto/2020.

Em julho, os principais fornecedores de alho para o Brasil foram a China, com 17,11mil toneladas, representando 73,34% do total importado, a Argentina, que forneceu 0,98 mil toneladas, ou 4,2%, enquanto que da Espanha vieram 4,03 mil toneladas, 17,27%, e os demais fornecedores contribuíram com 1,21 mil toneladas, equivalente a 5,19% do volume total (Figura3).

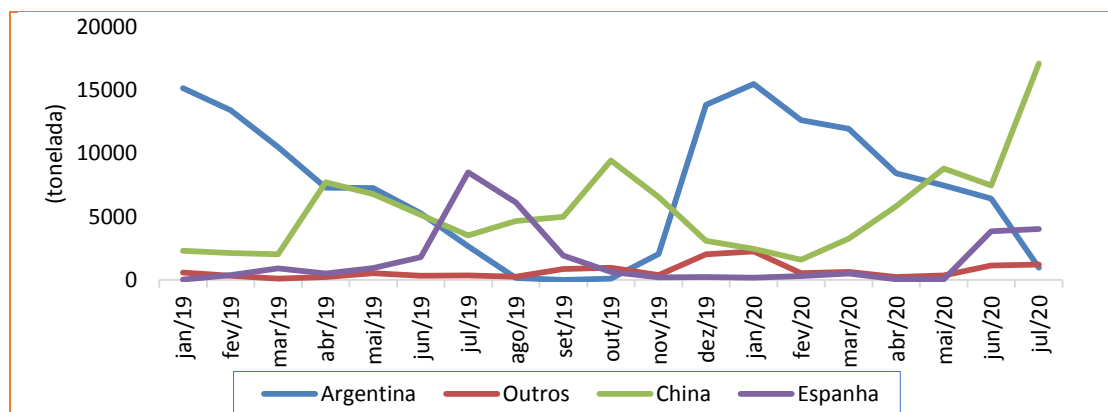


Figura 3. Alho – Brasil: participação dos principais países fornecedores (kg) – 2019 a jul./2020

Fonte: Comexstat/ME: agosto/2020.

Cebola

Jurandi Teodoro Gugel
Engenheiro-agrônomo - Epagri/Cepa
jurandgugel@epagri.sc.gov.br

Após o fechamento em alta da safra de cebola 2019/20, com preços ao produtor acima do custo de produção, as atenções do setor e da cadeia produtiva em Santa Catarina voltaram-se para a implantação da nova safra. Dentre os desafios, os efeitos da COVID-19 e as restrições para as atividades que exigem “aglomeração” ou proximidade das pessoas em algumas atividades, como o plantio. Vários foram os esforços para atender as exigências sanitárias para garantir segurança e proteção à saúde dos agricultores e trabalhadores.

Embora os resultados alcançados, as dificuldades conjunturais e o histórico da safra passada em algumas regiões produtoras contribuíram para que em Santa Catarina, a redução da área na safra 2020/21, segundo levantamento da Epagri/Cepa. Pelo levantamento, foram plantados 16.837ha, redução de 7,4% em relação à safra passada. A produção esperada é de 485.755 toneladas, redução de 8,71%, com produtividade média estimada de 28.850kg/ha, também apresentando pequena redução de 1,42%.

Preços e Mercado

Em julho, o abastecimento de cebola no mercado nacional foi realizado pelas regiões produtoras de São Paulo, Minas Geras e Goiás e por pequeno volume de importações.

O mercado se manteve aquecido durante todo o mês de julho, condição que ocorre desde março. A conjuntura de mercado favorável, com preços altos, levou muitos produtores de Minas Gerais e Goiás à colheita precoce dos bulbos, ainda “verdes”, com o objetivo de aproveitar os bons preços, apesar dos riscos de perdas pela incidência de doenças pós-colheita e consequente redução da qualidade do produto. Desde o início de agosto, com o aumento da oferta, os preços pagos aos produtores tiveram redução em praticamente todas as regiões produtoras.

Na Ceagesp/SP, o mês de julho iniciou com a cebola média nacional sendo comercializada acima de R\$3,40/kg, com o maior valor chegando a R\$3,74/kg no início da segunda quinzena, porém fechando o mês com valor próximo de R\$3,00/kg. Nas primeiras semanas de agosto, os preços tiveram novas baixas, chegando a R\$2,45/kg no dia 10, como consequência da maior oferta da hortaliça oriunda do Cerrado e de São Paulo.

No atacado da Ceasa/SC (Unidade de São José, SC), o mês de julho iniciou com preço de R\$3,50/kg, baixando para R\$3,00/kg no início da segunda quinzena e fechando o mês com preço de R\$2,50/kg, redução de 28,57% no mês.

Safra catarinense

O plantio da safra 2020/21 de cebola em Santa Catarina se aproxima da fase final na maioria das regiões produtoras. Nas regiões do Alto Vale do Itajaí, Tabuleiro e Tijucas a área plantada já é superior a 90%, segundo levantamento a campo da Epagri/Cepa.

As condições climáticas reinantes estão favorecendo o desenvolvimento vegetativo e o estado fitossanitário das lavouras é considerado, de modo geral, excelente.

A ocorrência de poucas chuvas em algumas regiões tem obrigado os produtores a fazer uso da irrigação, o que tem sido realizado sem problemas, pois os mananciais e reservatórios de água tiveram boa recuperação no pós-estiação.

Importação

Em julho, foram importadas apenas 7,78 mil toneladas de cebola, provenientes principalmente da Argentina (Figura 1), com valor total desembolsado de US\$1,66 milhão (FOB). No mês, o volume importado foi ainda menor que no mês passado, com redução de 83,89%, mantendo a tendência que vem desde maio. O preço médio foi de US\$0,21/kg (FOB), 5% maior que no mês de junho.

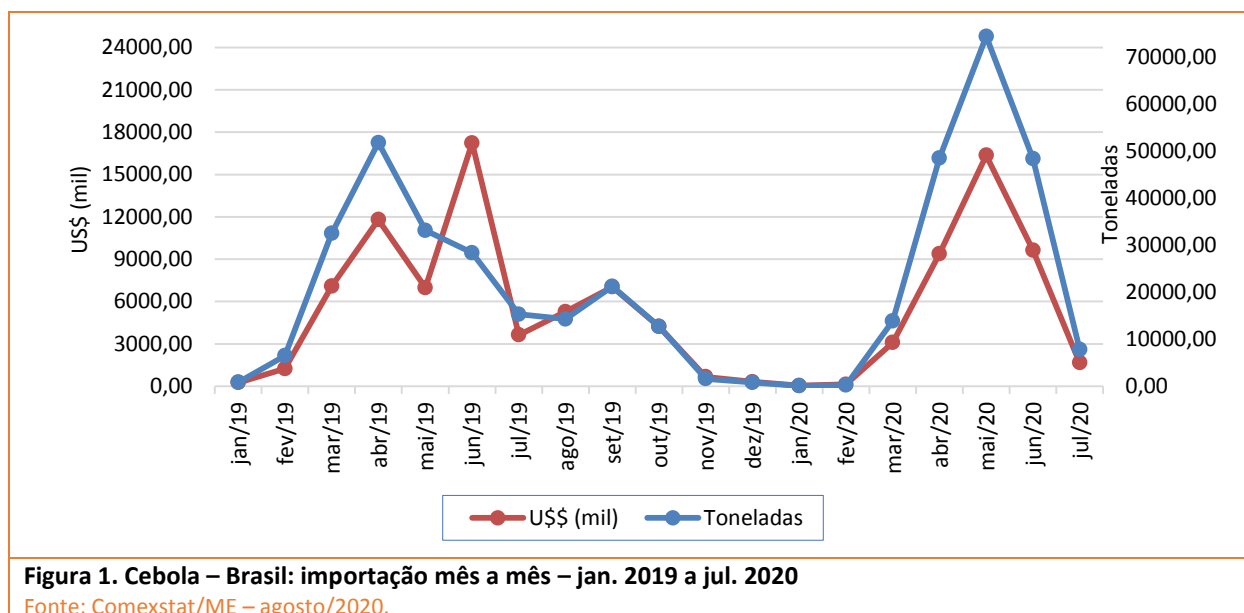


Figura 1. Cebola – Brasil: importação mês a mês – jan. 2019 a jul. 2020

Fonte: Comexstat/ME – agosto/2020.

O principal fornecedor de cebola para o Brasil em junho foi a Argentina, com 6,84 mil toneladas, ou 87,91% do total, seguida pela Espanha, com 0,49 mil toneladas, 6,30% do total. Os demais países, entre eles Holanda e Chile, participaram com 0,45 mil toneladas, significando 5,83% (Figura 2).

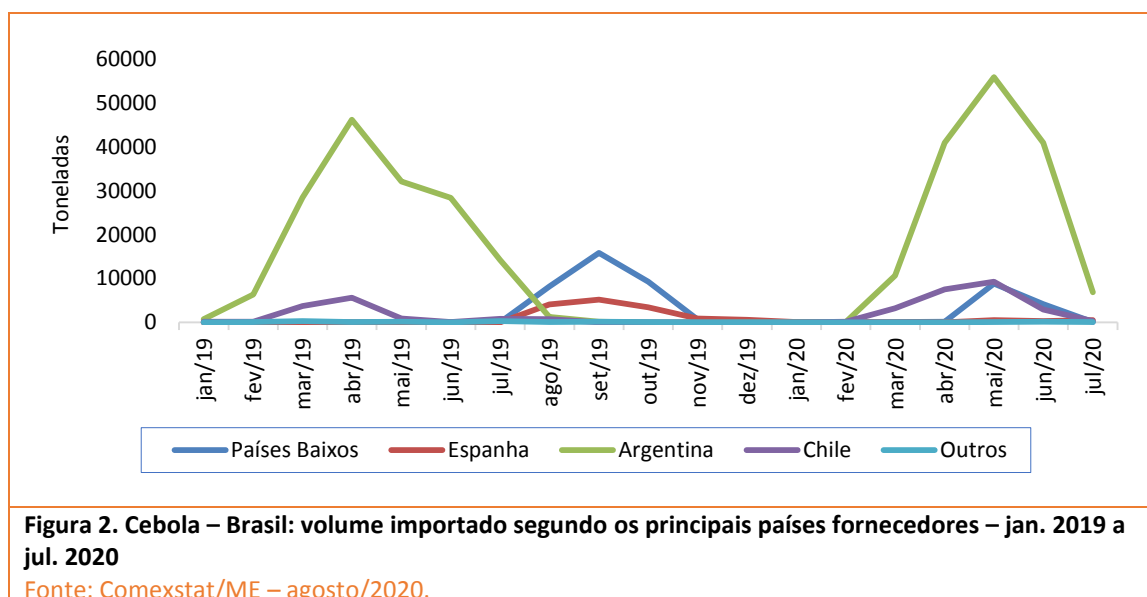


Figura 2. Cebola – Brasil: volume importado segundo os principais países fornecedores – jan. 2019 a jul. 2020

Fonte: Comexstat/ME – agosto/2020.

Pecuária

Avicultura

Alexandre Luís Giehl
Engenheiro-agrônomo – Epagri/Cepa
alexandregiehl@epagri.sc.gov.br

Preços

Assim como vem ocorrendo nos últimos três meses, nas primeiras semanas de agosto predominaram os movimentos de alta nos preços do frango vivo em alguns dos principais estados produtores. Na comparação com julho, observa-se aumento de 5,7% em São Paulo e 0,6% em Santa Catarina. O Paraná, por sua vez, apresentou queda de 0,5% na média mensal preliminar, mas com alta na segunda semana de agosto em relação à primeira.

Na comparação entre os preços atuais e aqueles praticados em agosto de 2019, verificam-se variações positivas em todos os casos: 14,8% em Santa Catarina, 14,6% no Paraná e 10,3% em São Paulo¹⁰. A inflação acumulada nos últimos 12 meses foi de 2,3%, de acordo com o IPCA/IBGE.

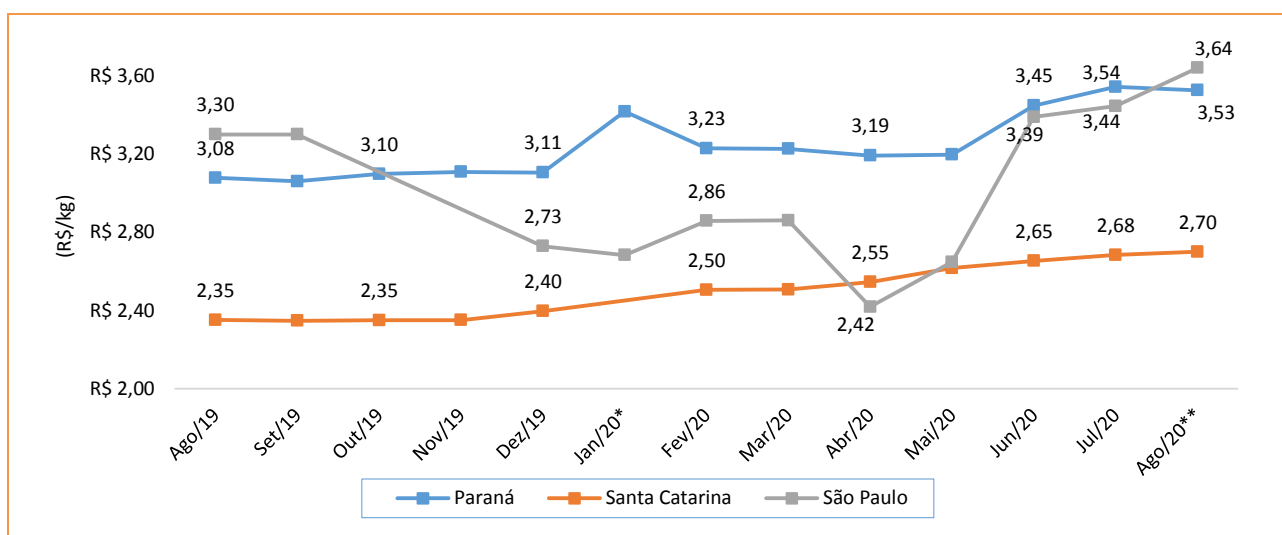


Figura 1. Frango vivo – Santa Catarina, Paraná e São Paulo: preço médio nominal mensal aos avicultores (R\$/kg)

⁽¹⁾ Refere-se ao custo do frango vivo na integração, posto na plataforma da agroindústria.

* Preço de janeiro/2020 de Santa Catarina não disponível.

** Os valores de agosto são preliminares, relativos ao período de 1 a 14/ago./2020.

Fonte: Epagri/Cepa (SC); SEAB (PR); IEA (SP).

Das três praças de levantamento de preços em Santa Catarina, duas registraram variação positiva nas primeiras semanas de agosto na comparação com o mês anterior: 1,1% em Chapecó e 0,7% no Sul Catarinense. O preço de Joaçaba ficou inalterado no período. Na comparação com os preços praticados em agosto de 2019, as variações são positivas em todas as praças: 23,7% em Chapecó, 12,3% no Sul Catarinense e 8,5% em Joaçaba.

¹⁰ Em fins de 2019, o Instituto de Economia Agrícola de São Paulo alterou sua metodologia de coleta de dados, o que prejudica a comparação entre os dois períodos naquele estado.

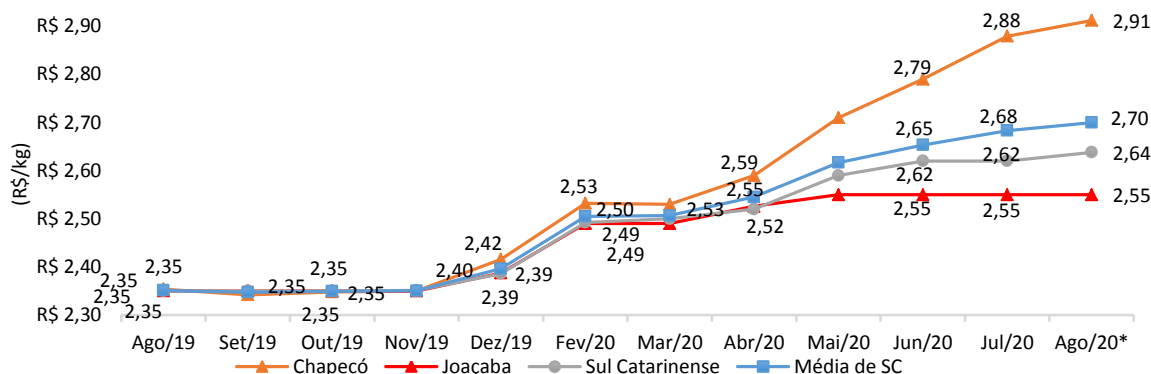


Figura 2. Frango vivo – Santa Catarina: preço médio⁽¹⁾ pago ao produtor nas principais praças do estado (R\$/kg)

⁽¹⁾ Refere-se ao custo do frango vivo na integração, posto na plataforma da indústria.

* Valores não disponíveis para o mês de janeiro.

** Os valores de agosto são preliminares, relativos ao período de 1 a 14/ago./2020.

Fonte: Epagri/Cepa.

Em abril, algumas semanas após o início da pandemia de Covid-19 no Brasil, os preços da carne de frango começaram a apresentar um movimento predominante de queda, principalmente em função do fechamento ou limitação de funcionamento de restaurantes e outros pontos de consumo desse produto. Essa tendência prevaleceu até o final de junho. Em julho, pela primeira vez desde o início da pandemia, registrou-se predomínio de variações positivas, com alta de 1,1%¹¹. Os preços da Grande São Paulo, por sua vez, apresentaram alta de 2,0% em julho, conforme levantamento realizado pelo Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (Cepea – Esalq/USP). De acordo com o Cepea, esse aumento é decorrente da elevação na demanda nacional, redução na oferta de animais para abate e aumento nos custos com nutrição.

Nas duas primeiras semanas de agosto, mais uma vez se observam variações marcadamente positivas: frango inteiro congelado (3,2%), coxa/sobrecoxa congelada (3,1%), peito com osso congelado (1,7%) e filé de peito congelado (0,3%). A variação média dos quatro cortes foi de 2,0%.

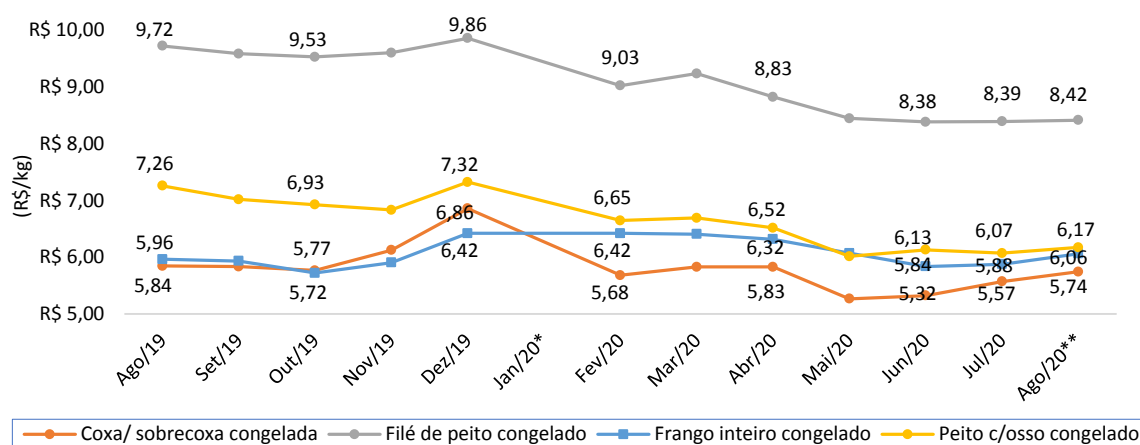


Figura 3. Carne de frango – Santa Catarina: atacado – preço médio mensal estadual (R\$/kg)

* Preços do mês de janeiro/2020 não disponíveis.

** Os valores de agosto são preliminares, relativos ao período de 1 a 14/ago./2020.

Fonte: Epagri/Cepa.

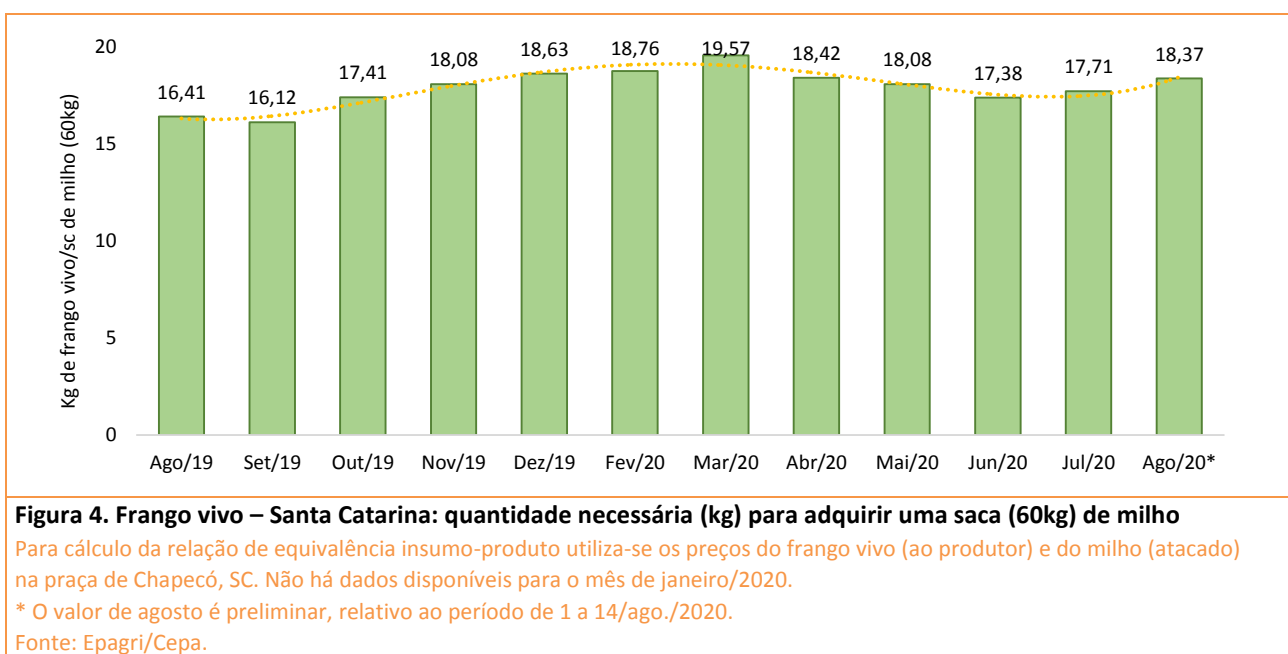
¹¹ Média do preço de atacado dos quatro cortes acompanhados pela Epagri/Cepa.

Na comparação entre os valores preliminares de agosto e o mesmo mês de 2019, observam-se variações negativas na maioria dos cortes: peito com osso (-15,0%), filé de peito (-13,5%) e coxa/sobrecoxa (-1,7%). Somente o frango inteiro registra alta no período (1,7%). Na média dos quatro cortes, a variação foi de -7,1%.

Custos

Em julho, o Índice de Custos de Produção de Frangos (ICPFrango), calculado pela Embrapa Suínos e Aves, apresentou alta de 1,5% em relação ao mês anterior. Considerando-se os últimos 12 meses, o índice acumula alta de 21,2%, decorrente, principalmente, da elevação dos custos com nutrição (18,9%), seguida pela dos pintos de 1 dia (2,2%).

Assim como já observado em julho, os dados preliminares de agosto demonstram nova alta na relação de equivalência insumo-produto¹². Na data de finalização do presente artigo (14/ago.), registrava-se variação de 3,7%, resultante da elevação de 4,9% no preço do milho no atacado, parcialmente compensada pela alta de 1,1% na cotação do frango vivo, ambos na praça de Chapecó. O valor atual da relação de equivalência está 12,0% acima daquele registrado em agosto de 2019.



Comércio exterior

Em julho, o Brasil exportou **356,38 mil toneladas** de carne de frango (*in natura* e industrializada), volume **6,9% maior** que no mês anterior, mas **8,3% abaixo** de julho de 2019.

As receitas, por sua vez, foram de **US\$ 489,90 milhões**, alta de **11,8%** na comparação com o mês anterior, mas **-27,2%** em relação a julho de 2019.

¹² A relação de equivalência insumo-produto indica quantos quilos de frango vivo são necessários para comprar uma saca de 60kg de milho.

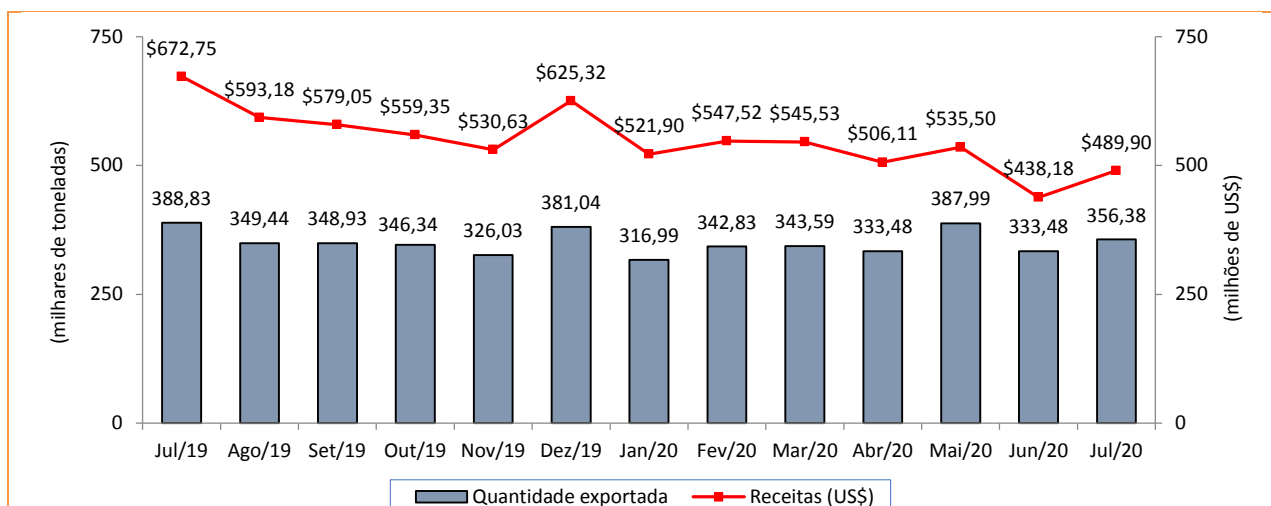


Figura 5. Carne de frango – Brasil: quantidade exportada e receitas

Fonte: Comex Stat.

De janeiro a julho de 2020, o Brasil exportou **2,41 milhões de toneladas** de carne de frango, com **US\$3,58 bilhões** em receitas. Na comparação com o mesmo período de 2019, registra-se **queda de 0,3%** na quantidade e de **12,2%** nas receitas.

Os principais destinos das exportações brasileiras de carne de frango neste ano são China, Japão, Arábia Saudita, Emirados Árabes Unidos e Hong Kong, responsáveis por 54,7% das receitas do período.

De acordo com os dados da Secretaria de Comércio Exterior do Ministério da Economia (Secex/ME), na primeira semana de agosto (5 dias úteis), a média diária de embarques de carne de frango *in natura* apresentou alta em relação ao mesmo mês de 2019: 20,3% nas receitas e 54,4% na quantidade.

Recentemente, a Associação Brasileira de Proteína Animal (ABPA) divulgou nota na qual menciona que a expectativa é de que o Brasil exporte entre 4,35 milhões e 4,45 milhões de toneladas de carne de frango em 2020.

Santa Catarina exportou **83,51 mil toneladas** de carne de frango (*in natura* e industrializada) em julho, crescimento de **16,4%** em relação ao mês anterior, mas ainda **15,2%** abaixo do registrado em julho de 2019.

As receitas foram de **US\$122,53 milhões**, alta de **24,5%** em relação ao mês anterior, mas **queda de 30,5%** na comparação com julho de 2019.

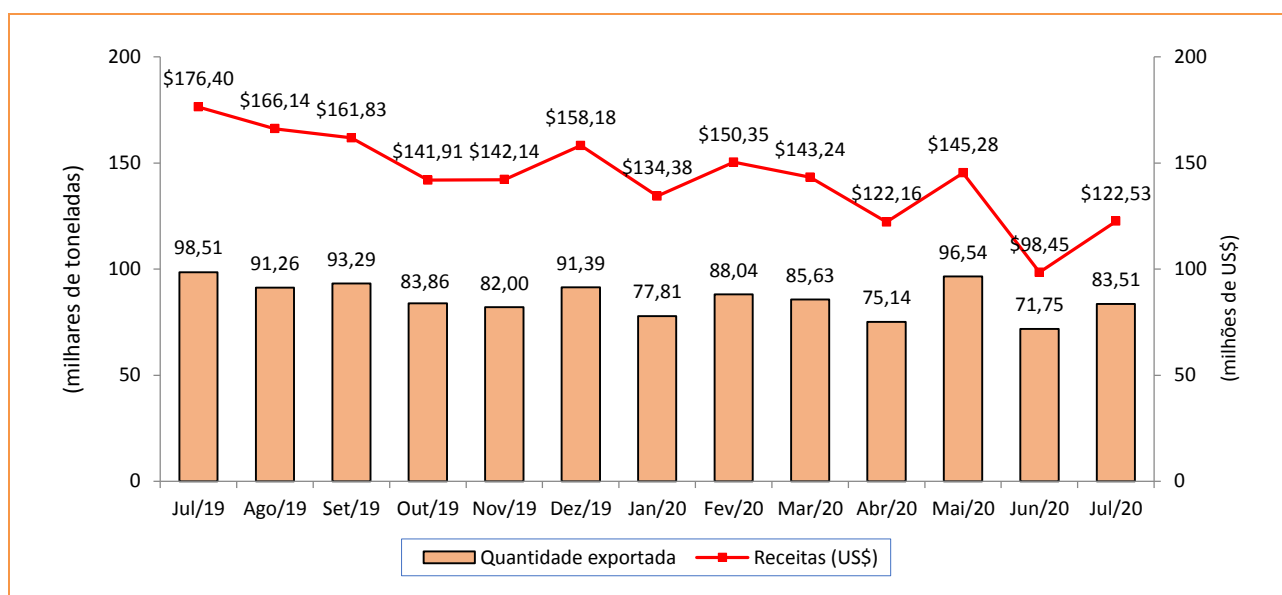


Figura 6. Carne de frango – Santa Catarina: quantidade exportada e receitas

Fonte: Comex Stat.

O valor médio da carne de frango *in natura* exportada pelo estado em julho foi de **US\$ 1.409/tonelada**, alta de **6,5%** em relação ao mês anterior, mas **queda de 18,8%** na comparação com a média registrada em julho de 2019.

De janeiro da julho deste ano, Santa Catarina exportou **578,42 mil toneladas** de carne de frango, com faturamento de **US\$ 916,39 milhões**, **queda de 30,2%** em quantidade e de **36,3%** em valor na comparação com o mesmo período de 2019. O estado foi responsável por **25,6%** das receitas geradas pelas exportações brasileiras de carne de frango este ano.

A Tabela 1 apresenta os principais destinos do frango catarinense em 2020, os quais responderam por 57,1% do valor e 52,1% da quantidade exportada pelo estado no período.

Tabela 1. Carne de frango – Santa Catarina: principais destinos das exportações – Jan. a Jul./2020

País	Valor (US\$)	Quantidade (t)
Japão	154.186.249,00	91.225
China	137.595.691,00	74.239
Países Baixos (Holanda)	93.294.299,00	45.128
Arábia Saudita	70.937.944,00	48.491
Emirados Árabes Unidos	67.463.276,00	42.067
Demais países	392.915.298,00	277.271
Total	916.392.757,00	578.421

Fonte: Comex Stat.

Dentre os dez principais destinos, somente o Egito apresentou variação positiva em relação ao mesmo período do ano passado: 29,0% em valor e 23,9% em quantidade. Dentre os demais, quedas expressivas foram observadas nos embarques para Japão (-31,6% em valor e -22,4% em quantidade), Arábia Saudita (-41,8% e -33,9%) e Emirados Árabes Unidos (-50,4% e -44,4%).

Embora também apresente queda na comparação do acumulado deste ano e o mesmo período de 2019 (-17,7% em valor e -5,5% em quantidade), vale destacar que a Holanda registrou alta expressiva na comparação entre julho deste ano e o mesmo mês de 2019: 48,5% em valor e 48,6% em quantidade. Com isso, a Holanda foi o principal destino do frango catarinense no mês passado.

Uma boa notícia para o setor é o fato de as 40 unidades frigoríficas do Brasil habilitadas para exportar frango inteiro ao Egito terem sido autorizadas pelo governo egípcio a embarcar também produtos termo

processados de aves, conforme informação divulgada pelo Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa).

Coronavírus

Em 13 de agosto, autoridades e o setor agroindustrial brasileiro foram surpreendidos com informação divulgada pelo governo de Shenzhen, cidade localizada no sul da China, em que uma amostra de asa de frango congelada importada do Brasil testou positivo para o novo coronavírus. A notícia causou preocupação no setor, principalmente em função do receio em relação à adoção de eventuais medidas restritivas.

De acordo com o relato do governo de Shenzhen, o lote em que ocorreu a testagem positiva seria oriundo de uma unidade da Aurora, em Santa Catarina. Contudo, não se sabe se a amostra refere-se à carne de frango ou à embalagem do produto.

Em nota divulgada ainda no dia 13 de agosto, a Secretaria de Estado da Agricultura, da Pesca e do Desenvolvimento Rural de Santa Catarina (SAR/SC) informou que ainda analisa as informações divulgadas pelas autoridades municipais de Shenzhen e que o Mapa está em contato com o órgão sanitário oficial da China para análise da situação.

Na nota, a SAR também ressaltou que as agroindústrias instaladas no estado seguem as normas estabelecidas pela Organização Mundial de Saúde Animal no cuidado com a sanidade animal, bem como a Portaria Conjunta nº 19 dos Ministérios da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa), da Economia (ME) e da Saúde (MS) e pela Portaria Estadual SES nº 312, que tratam das medidas necessárias à prevenção, controle e mitigação dos riscos de transmissão da Covid-19 nas indústrias de abate e processamento de carnes e derivados.

Segundo nota divulgada pela Embaixada da China no Brasil, “por enquanto, não há novas restrições para a importação brasileira”.

Por outro lado, um dia após a notícia oriunda da China, o Departamento de Agricultura das Filipinas emitiu comunicado informando que estavam temporariamente suspensas as importações de carne de frango oriundas do Brasil. De janeiro a julho deste ano, o Brasil exportou 50,31 mil toneladas de carne de frango para as Filipinas, com receitas de US\$ 31,44 milhões. Santa Catarina respondeu por 49,0% do volume e 47,9% do faturamento desse período.

No dia 17 de agosto, Hong Kong divulgou a suspensão das importações exclusivamente da unidade de onde teria partido o lote supostamente contaminado.

Produção

Segundo os resultados preliminares da Pesquisa Trimestral do Abate de Animais, divulgados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), no 2º trimestre de 2020 foram abatidas 1,40 bilhão de cabeças de frango no Brasil, redução de 1,6% em relação ao mesmo período de 2019 e de 7,2% na comparação com o 1º trimestre de 2020.

Ainda de acordo com o IBGE, a produção de carne de frango no 2º trimestre deste ano foi de 3,21 milhões de toneladas de carcaça, queda de 4,0% em relação ao 2º trimestre de 2019 e de 7,7% na comparação com o 1º trimestre deste ano.

Bovinocultura

Alexandre Luís Giehl
Engenheiro-agrônomo – Epagri/Cepa
alexandregiehl@epagri.sc.gov.br

Preços

Assim como vem acontecendo desde o final de maio, nas primeiras semanas de agosto observaram-se variações positivas na maioria dos oito estados analisados no presente boletim, na comparação com julho: 4,5% em Mato Grosso, 4,1% em Santa Catarina, 3,9% em Mato Grosso do Sul, 3,8% em Goiás, 3,3% em São Paulo, 3,1% no Paraná e 2,9% em Minas Gerais. O único estado que registrou queda foi o Rio Grande do Sul, com -4,8%. Embora as variações tenham sido significativas, até o momento são menores do que nos dois meses anteriores.

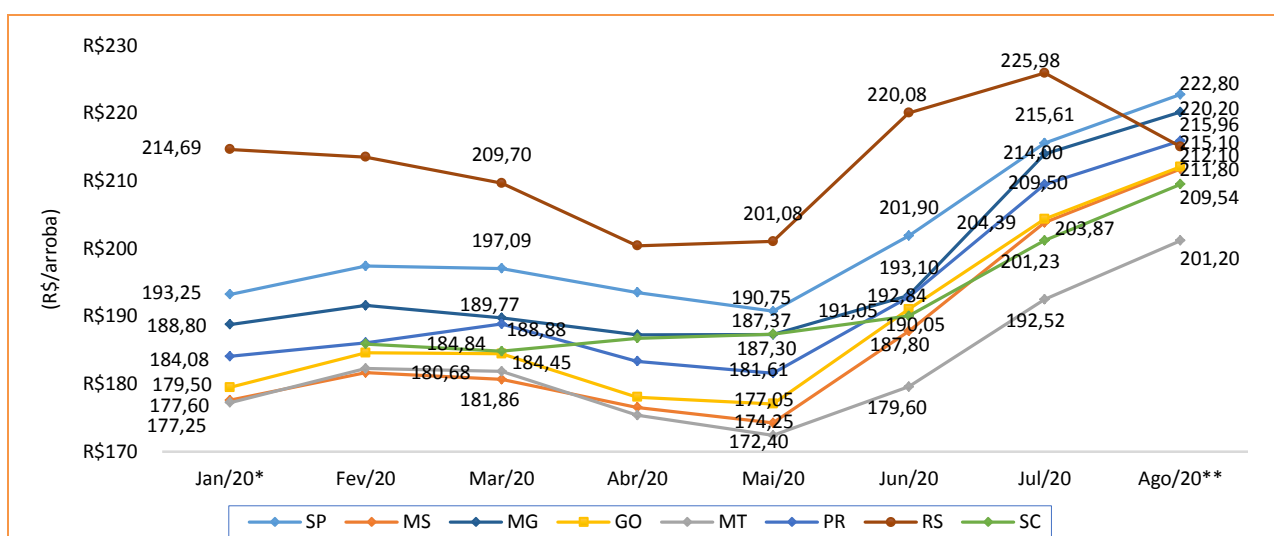


Figura 1. Boi gordo – SC⁽¹⁾, SP⁽²⁾, MG⁽²⁾, GO⁽²⁾, MT⁽²⁾, MS⁽²⁾, PR⁽³⁾ e RS⁽⁴⁾: evolução dos preços da arroba (R\$/arroba)

* Preço de janeiro/2020 não disponível para o estado de Santa Catarina.

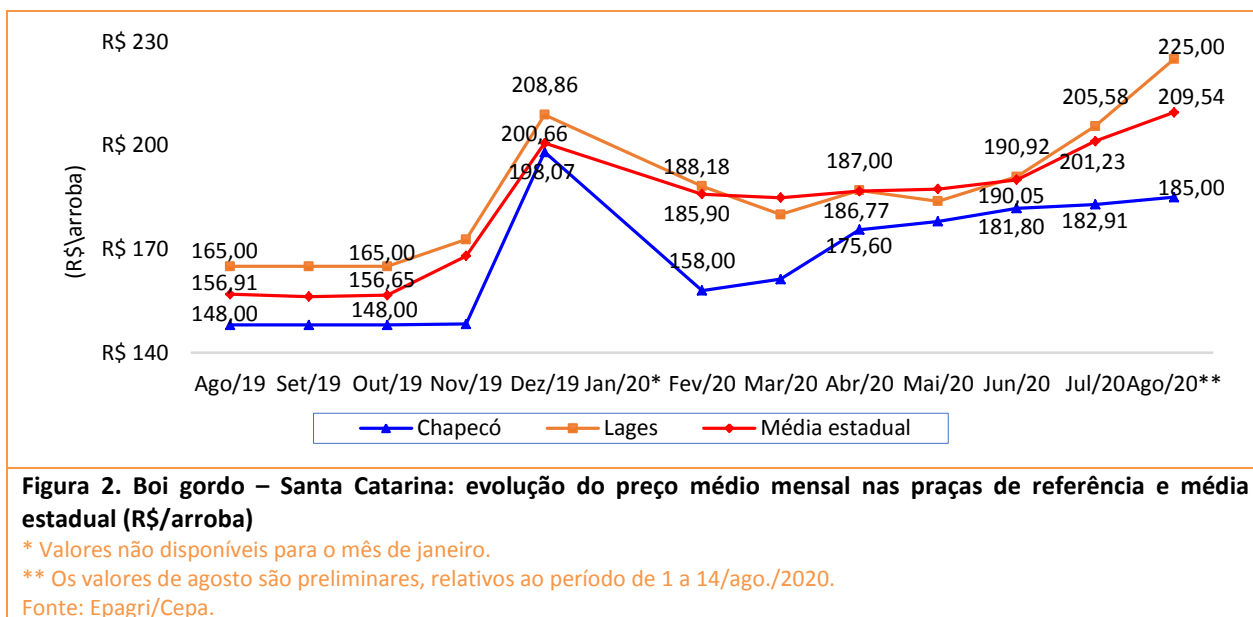
** Os valores de agosto são preliminares, relativos ao período de 1 a 14/ago/2020.

Fontes: ⁽¹⁾Epagri/Cepa; ⁽²⁾Cepea; ⁽³⁾SEAB; ⁽⁴⁾Nespro.

Esses fortes movimentos de alta são decorrentes, principalmente, do bom fluxo de exportações de carne bovina, conforme veremos adiante, e da baixa disponibilidade de animais prontos para abate. Um dos fatores que contribui com a reduzida oferta é um menor alojamento de bovinos nos confinamentos, tanto por conta do receio dos produtores em relação aos efeitos que a Covid-19 poderia provocar no mercado interno, nos abates e nas exportações, quanto pela elevação dos custos com alimentação, em função das elevadas cotações do milho e da soja. Os patamares de preços atingidos pelos animais de reposição nos últimos meses também têm sua parcela de responsabilidade nesse cenário.

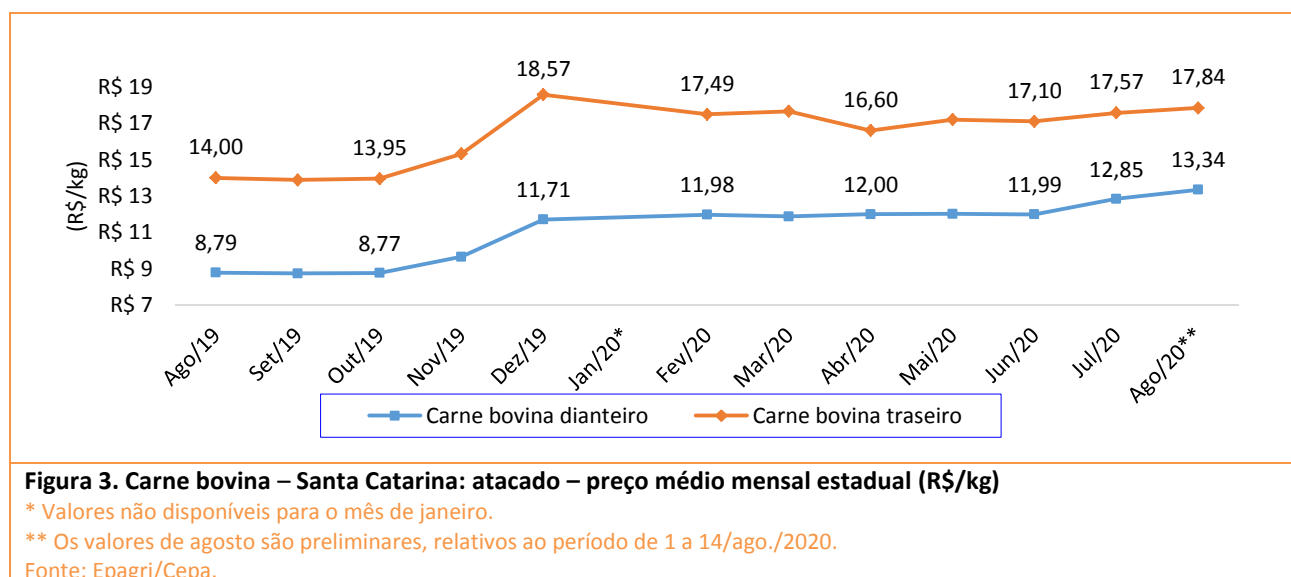
Os valores atuais são consideravelmente superiores àqueles registrados em agosto de 2019 em todos os estados: 51,2% em Goiás, 49,7% no Mato Grosso do Sul, 48,0% em Minas Gerais, 44,9% em São Paulo, 44,6% no Mato Grosso, 43,5% no Paraná, 33,5% em Santa Catarina e 28,6% no Rio Grande do Sul. Nos últimos 12 meses, a inflação acumulada foi de **2,3 %**, segundo o IPCA/IBGE.

Em Santa Catarina, as praças de Chapecó e Lages, referências para o preço do boi gordo, também apresentaram movimentos de alta nas duas primeiras semanas deste mês, quando comparadas a julho: 1,1% e 9,4%, respectivamente. Quando se compara a média preliminar de agosto com o mesmo mês de 2019, as variações são significativas nas duas praças: 25,0% em Chapecó e 36,4% em Lages.



No primeiro semestre do ano, os preços de atacado da carne bovina apresentaram uma relativa estabilidade em Santa Catarina. Contudo, em julho observou-se movimento de alta relativamente expressivo: 4,5% na média entre carne de dianteiro e carne de traseiro. Nas duas primeiras semanas de agosto, mais uma vez predominam as altas: 3,9% na carne bovina de dianteiro e 1,5% na carne bovina de traseiro. Na média, a variação foi de 2,7%.

Quando se comparam os valores atuais com aqueles praticados em agosto de 2019, registram-se altas significativas em ambos os casos: 51,9% na carne de dianteiro e 27,4% na carne de traseiro.



Custos

Os preços dos animais de reposição para corte em Santa Catarina apresentam predominância de alta desde meados de 2019. Nas primeiras semanas de agosto registrou-se acentuação dessa tendência, com elevação de 7,8% no preço dos bezerros de até 1 ano, em relação ao mês anterior, enquanto os novilhos de 1 a 2 anos registraram alta de 5,8%. Na comparação com agosto de 2019, as variações são ainda mais expressivas: 39,4% para os bezerros e 33,4% para os novilhos.

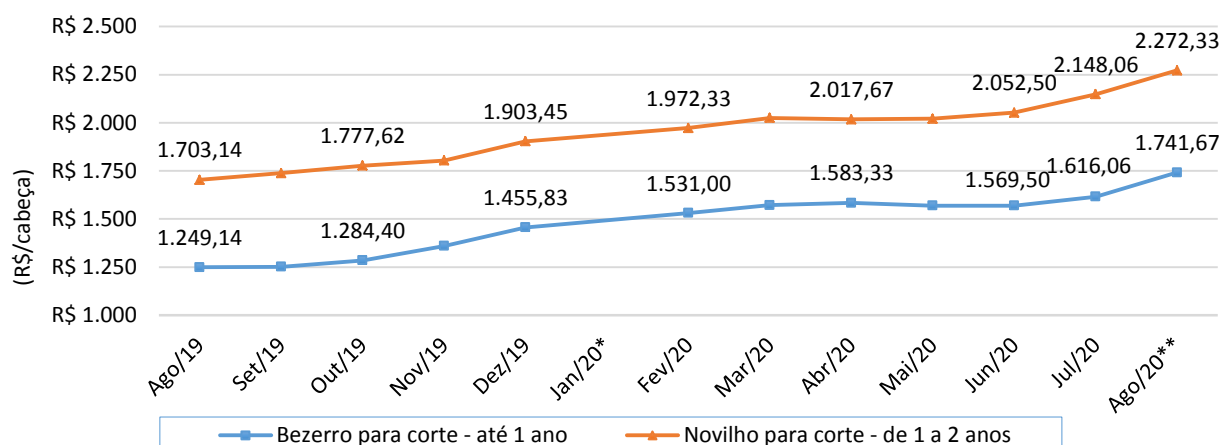


Figura 4. Bezerro e novilho para corte – Santa Catarina: evolução do preço médio estadual (R\$/cabeça)

* Preços não disponíveis para o mês de janeiro.

** Os valores de agosto são preliminares, relativos ao período de 1 a 14/ago./2020.

Fonte: Epagri/Cepa.

Comércio exterior

Em julho, o Brasil exportou **193,89 mil toneladas** de carne bovina (*in natura*, industrializada e miudezas), alta de **9,8%** em relação ao mês anterior e de **20,9%** na comparação com julho de 2019. Esse é o maior volume exportado em 2020. As receitas, por sua vez, foram de **US\$ 776,20 milhões**, crescimento de **4,5%** em relação ao mês anterior e de **23,0%** na comparação com julho de 2019.

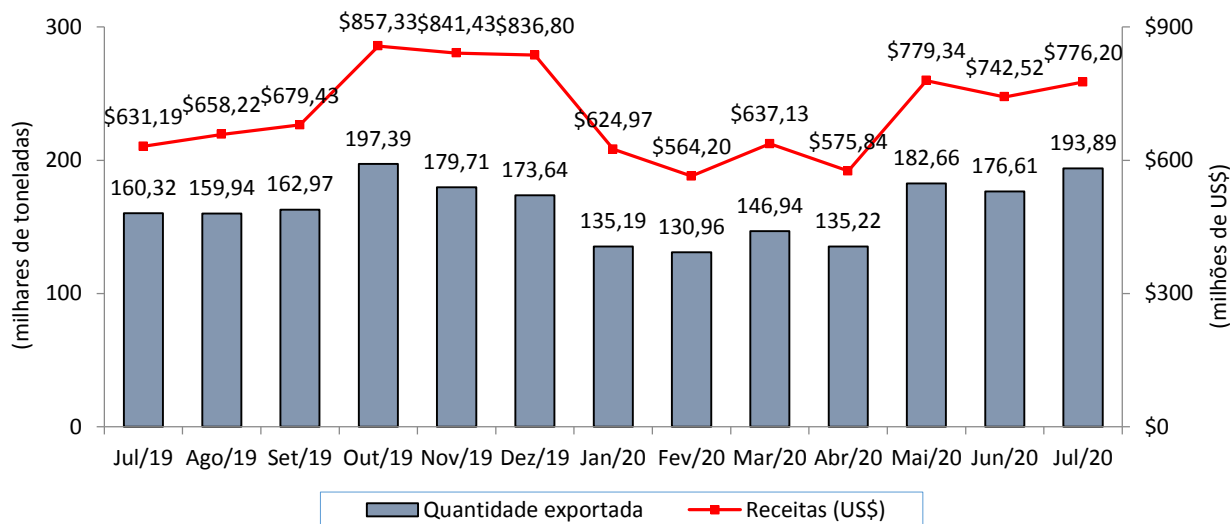


Figura 5. Carne bovina – Brasil: quantidade exportada e receitas

Fonte: Comex Stat.

O valor médio da carne bovina *in natura* exportada em julho foi de **US\$ 4.081/tonelada**, queda de **5,1%** em relação ao mês anterior, mas alta de **2,5%** na comparação com o mesmo mês de 2019.

De janeiro a julho de 2020, o Brasil exportou **1,10 milhão de toneladas** de carne bovina, com **US\$ 4,70 bilhões** em receitas. Em relação ao mesmo período de 2019, esses montantes representam altas de **11,2%** e **25,1%**, respectivamente.

China e Hong Kong responderam por 60,6% das receitas brasileiras com exportações desse produto no ano. Em relação ao mesmo período de 2019, a China ampliou em 160,9% o valor e 156,0% a quantidade de carne bovina importada do Brasil.

De acordo com nota divulgada pela Associação Brasileira de Frigoríficos (Abrafrigo), as compras chinesas têm mais do que compensado as quedas nas vendas para a União Europeia e para os países árabes, ocasionadas principalmente pela epidemia de Covid-19, que reduziu drasticamente o consumo fora do domicílio.

Segundo a Secretaria de Comércio Exterior do Ministério da Economia (Secex/ME), na primeira semana de agosto (5 dias úteis), mais uma vez, observou-se aumento na média diária de carne bovina *in natura* exportada na comparação com o mesmo mês de 2019: 38,8% em valor e 43,5% em quantidade.

Em julho, Santa Catarina exportou **211 toneladas** de carne bovina, queda de 24,5% em relação ao mês anterior e de 32,0% na comparação com julho de 2019. O faturamento foi de **US\$ 696 mil**, 27,8% inferior a junho e 17,0% abaixo do valor de julho do ano passado.

De janeiro a julho, Santa Catarina exportou **1,82 mil toneladas** de carne bovina, com **US\$ 5,65 milhões** em receitas, quedas de 26,0% e 19,2%, respectivamente, na comparação com o mesmo período de 2019. Hong Kong foi o principal destino da carne bovina exportada pelo estado este ano, respondendo por 51,8% das receitas.

Produção

Segundo os resultados preliminares da Pesquisa Trimestral do Abate de Animais, divulgados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), no 2º trimestre de 2020 foram abatidos no Brasil 7,17 milhões de cabeças de bovinos, redução de 9,7% em relação ao mesmo período de 2019 e de 1,2% na comparação com o 1º trimestre de 2020.

Ainda de acordo com o IBGE, a produção de carne bovina no 2º trimestre deste ano foi de 1,85 milhão de toneladas de carcaça, queda de 6,6% em relação ao 2º trimestre de 2019 e alta de 0,5% na comparação com o 1º trimestre deste ano.

Suinocultura

Alexandre Luís Giehl
Engenheiro-agrônomo – Epagri/Cepa
alexandregiehl@epagri.sc.gov.br

Preços

Assim como vem sendo observado desde maio, nas duas primeiras semanas de agosto os preços dos suínos vivos apresentaram variações positivas em todos os principais estados produtores (Figura 1).

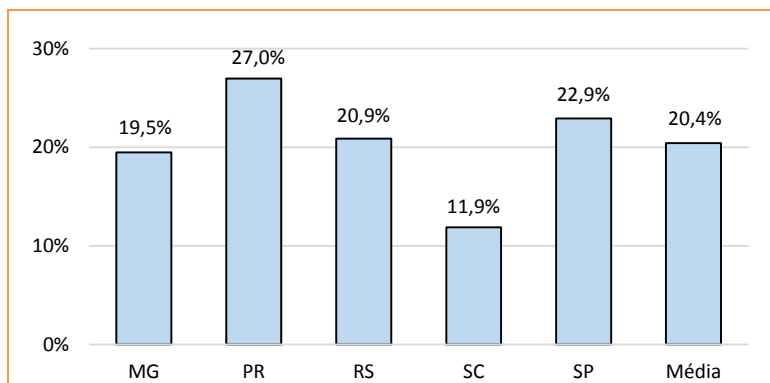


Figura 1. Suíno vivo – SC, MG, PR, RS e SP: variação do preço ao produtor (junho/julho de 2020*)

* Os valores de agosto são preliminares, relativos ao período de 1 a 14/ago./2020.

Fonte: Cepea (MG, PR, RS e SP) e Epagri/Cepa (SC).

O principal responsável por essas variações é a elevada demanda internacional, principalmente por parte da China. Contudo, a reabertura de bares e restaurantes em alguns estados, ainda que parcial, contribui para o aumento da demanda interna por carne suína. Além disso, em alguns estados, como é o caso de São Paulo, tem sido relatada baixa disponibilidade de animais prontos para o abate, o que contribui para a pressão de alta.

Na comparação entre os valores atuais e os preços praticados em agosto de 2019, verificam-se variações positivas e expressivas em todos os estados analisados: 58,3% em Minas Gerais, 57,1% em São Paulo, 51,1% no Paraná, 46,4% no Rio Grande do Sul e 30,1% em Santa Catarina. De acordo com o IPCA/IBGE, a inflação acumulada nos últimos 12 meses foi de 2,3%.

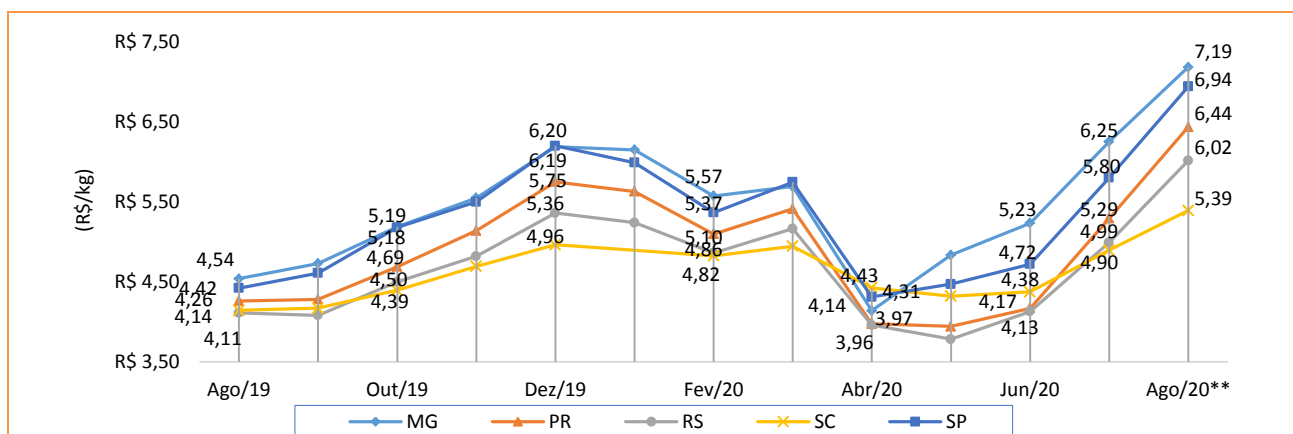


Figura 2. Suíno vivo – SC, MG, PR, RS e SP: evolução do preço ao produtor (R\$/kg)

* Valores não disponíveis para o mês de janeiro.

** Os valores de agosto são preliminares, relativos ao período de 1 a 14/ago./2020.

Fonte: Cepea (MG, PR, RS e SP) e Epagri/Cepa (SC).

O alto volume exportado tem elevado a demanda da indústria nacional por suínos no mercado independente, limitando ainda mais a oferta de animais para abate e estimulando o movimento de alta nos preços, o qual se intensificou a partir de julho.

Em Chapecó, praça de referência para o suíno vivo em Santa Catarina, as variações observadas nas primeiras semanas de agosto, em relação ao mês anterior, foram de 12,3% para produtores independentes e 5,4% para integrados. Na comparação com agosto de 2019, por sua vez, as altas são mais expressivas: 36,1% para os produtores independentes e 20,0% para os integrados.

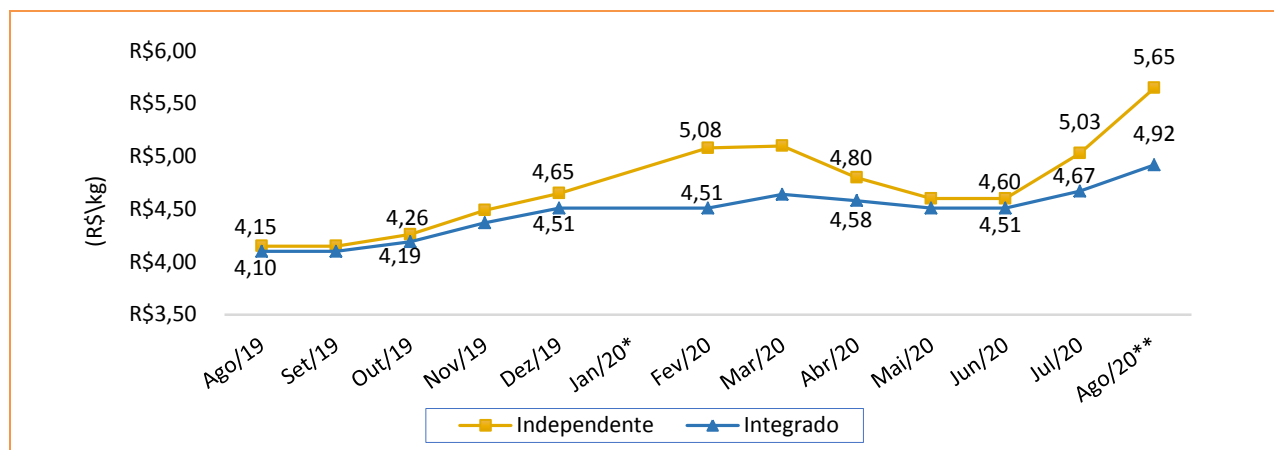


Figura 3. Suíno vivo – Chapecó/SC: preço médio mensal para produtor independente e produtor integrado

** Os valores de agosto são preliminares, relativos ao período de 1 a 14/ago./2020

Fonte: Epagri/Cepa.

Nas duas primeiras semanas de agosto, os preços de atacado dos cinco cortes de carne suína acompanhados pela Epagri/Cepa registraram variações positivas na comparação com o mês anterior: carcaça (13,2%), pernil (6,7%), carré (5,6%), costela (3,7%) e lombo (1,0%). A variação média dos cinco cortes foi de 5,9%. Vale mencionar que, em julho, a variação média da carne suína foi de 5,8% em relação ao mês anterior.

Na comparação com os preços de agosto de 2019, as variações também são positivas em todos os cortes: carré (33,5%), carcaça (30,2%), costela (23,8%), pernil (23,4%) e lombo (9,2%). Na média, a variação no período foi de 24,0%.

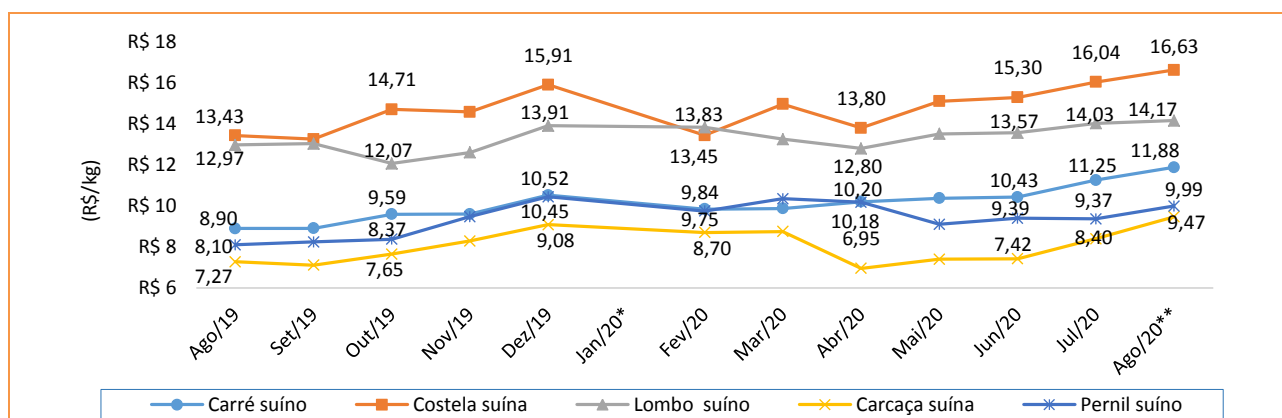


Figura 4. Carne suína – Santa Catarina: preço médio mensal estadual de diversos cortes suínos no atacado (R\$/kg)

* Preços não disponíveis para o mês de janeiro/2020.

** Os valores de agosto são preliminares, relativos ao período de 1 a 14/ago./2020.

Fonte: Epagri/Cepa.

Além do excelente fluxo de exportações e da reabertura de bares e restaurantes em diversos estados, outro fator que contribuiu para a elevação dos preços foi o dia dos pais, comemorado no segundo domingo de agosto, que impulsiona as vendas de carnes. A forte alta nos preços da carne bovina, que faz com que parte dos consumidores migrem para produtos substitutos mais acessíveis, também contribui com a maior demanda por carne suína e, conseqüentemente, afeta os preços desse produto.

Custos

Assim como as altas observadas nos suínos vivos para abate, os preços do leitões também apresentaram elevação nos últimos meses. Em julho, as duas categorias analisadas tiveram aumento de 1,8%. Nas duas primeiras semanas de agosto, os preços médios preliminares registraram alta de 4,3% para os leitões de 6 a 10kg e de 4,7% para os leitões de aproximadamente 22kg. Na comparação com as médias de agosto de 2019, as variações foram de 19,3% e 16,7%, respectivamente.

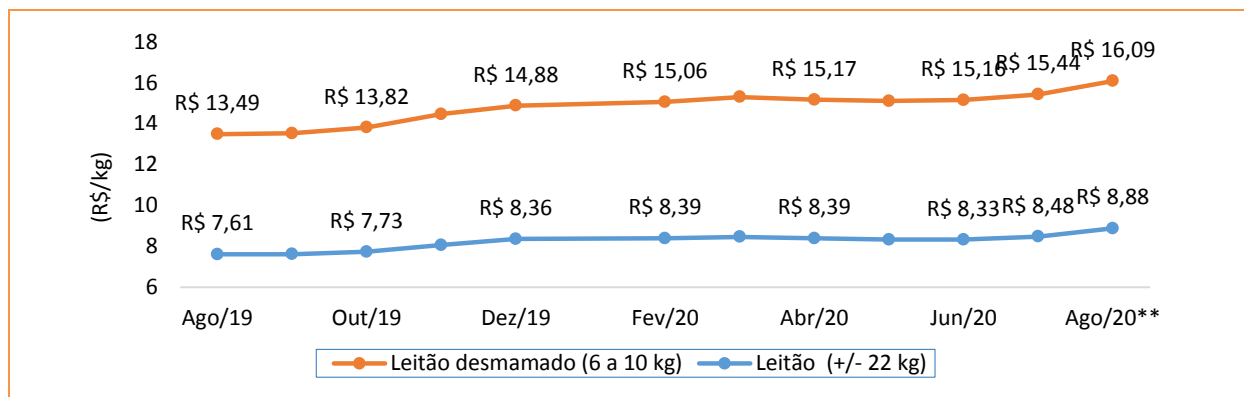


Figura 5. Leitões – Santa Catarina: preço médio mensal por categoria (R\$/kg)

* Preços não disponíveis para o mês de janeiro/2020.

** Os valores de agosto são preliminares, relativos ao período de 1 a 14/ago./2020.

Fonte: Epagri/Cepa.

O Índice de Custos de Produção de Suínos (ICPSuíno) de julho, calculado pela Embrapa Suínos e Aves, registrou alta de 10,9% em relação ao mês anterior. Considerando-se os últimos 12 meses, a variação foi de 28,9%, principalmente em função da elevação dos custos com nutrição (18,9%).

Pelo terceiro mês seguido, a relação de equivalência insumo-produto registra queda, de acordo com os valores preliminares das duas primeiras semanas de agosto. Segundo tais dados, o indicador apresenta variação de -3,7% em relação ao mês anterior. Esse resultado é decorrente da alta no preço do suíno vivo em Chapecó (9,0%), apenas parcialmente amenizada pela elevação do preço de atacado do milho na mesma praça (4,9%). O valor atual do Índice é 8,1% superior àquele registrado em agosto de 2019.

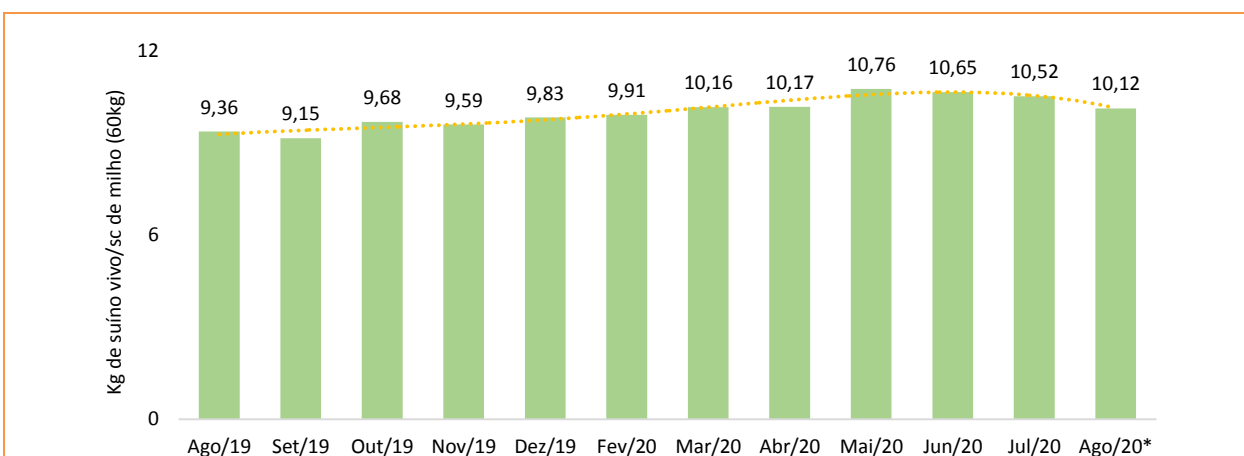


Figura 6. Suíno vivo - Chapecó/SC: quantidade necessária (kg) para adquirir uma saca de 60kg de milho

Para o cálculo da relação de equivalência insumo-produto, utiliza-se a média entre o preço para o produtor independente e produtor integrado do suíno vivo. No caso do milho, leva-se em consideração o preço de atacado do produto. Ambos os produtos têm como referência os preços da praça de Chapecó/SC. Não há dados disponíveis para o mês de janeiro.

* O valor de agosto é preliminar, relativo ao período de 1 a 14/ago./2020.

Fonte: Epagri/Cepa.

Comércio exterior

Em julho, o Brasil exportou **99,26 mil toneladas** de carne suína (*in natura*, industrializada e miúdos), alta de **4,5%** em relação ao mês anterior e de **45,0%** na comparação com julho de 2019. As receitas foram de **US\$ 201,90 milhões**, crescimento de **2,6%** em relação ao mês anterior e de **34,2%** na comparação com julho de 2019. Esses valores representam o segundo maior valor e volume exportados num único mês desde o início da série histórica, em 1997, ficando atrás apenas de maio passado.

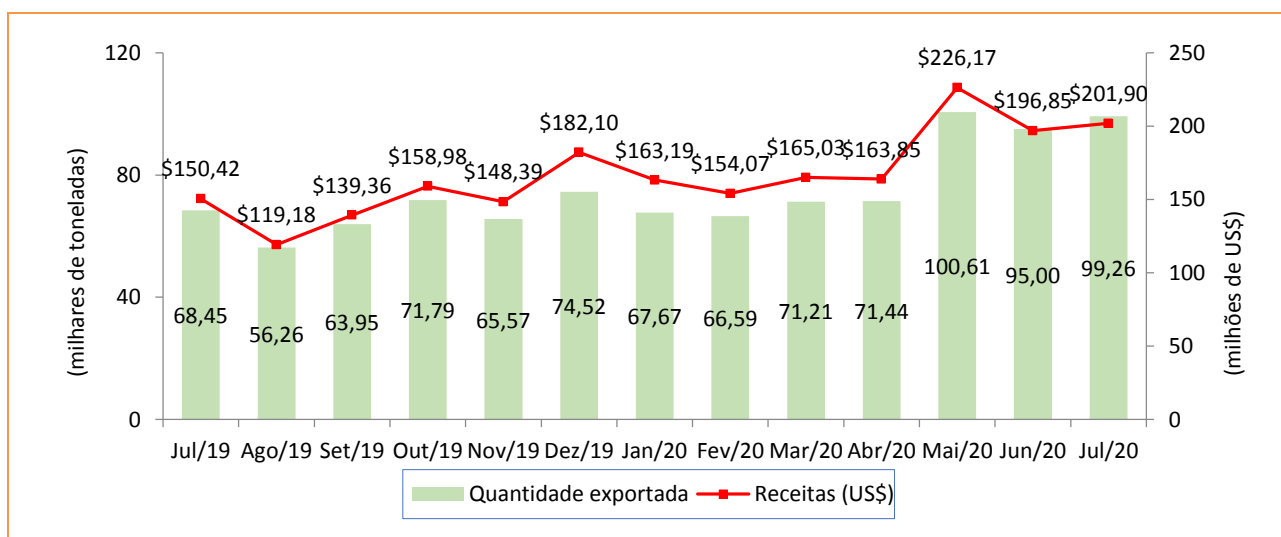


Figura 7. Carne suína – Brasil: quantidade exportada e receitas

Fonte: Comex Stat.

De janeiro a julho, o país exportou **571,79 mil toneladas** de carne suína, com **US\$ 1,27 bilhão** em receitas. Na comparação com o mesmo período de 2019, esses montantes representam altas de **38,3%** na quantidade e **49,2%** nas receitas.

Os principais destinos das exportações brasileiras de carne suína em 2020 são China, Hong Kong, Cingapura, Uruguai e Chile, responsáveis por 84,9% das receitas no período. China e Hong Kong somam 70,5% do total.

Os dados da Secretaria de Comércio Exterior do Ministério da Economia (Secex/ME) demonstram que, na primeira semana de agosto (5 dias úteis), a média diária de embarques de carne suína *in natura* apresentou alta bastante expressiva na comparação com o mesmo mês de 2019: 166,7% em valor e 172,7% em quantidade.

Segundo estimativa da Associação Brasileira de Proteína Animal (ABPA), divulgada recentemente, o Brasil deverá exportar entre 950 mil e 1 milhão de toneladas de carne suína em 2020.

Em julho, Santa Catarina exportou **51,36 mil toneladas** de carne suína (*in natura*, industrializada e miúdos), alta de **12,9%** em relação ao mês anterior e de **41,5%** na comparação com julho de 2019. O faturamento de junho foi de **US\$ 103,39 milhões**, crescimento de **9,9%** em relação ao mês anterior e de **33,2%** na comparação com julho de 2019. Esses montantes representam o segundo melhor resultado mensal das exportações catarinenses de carne suína, ficando atrás apenas de maio passado.

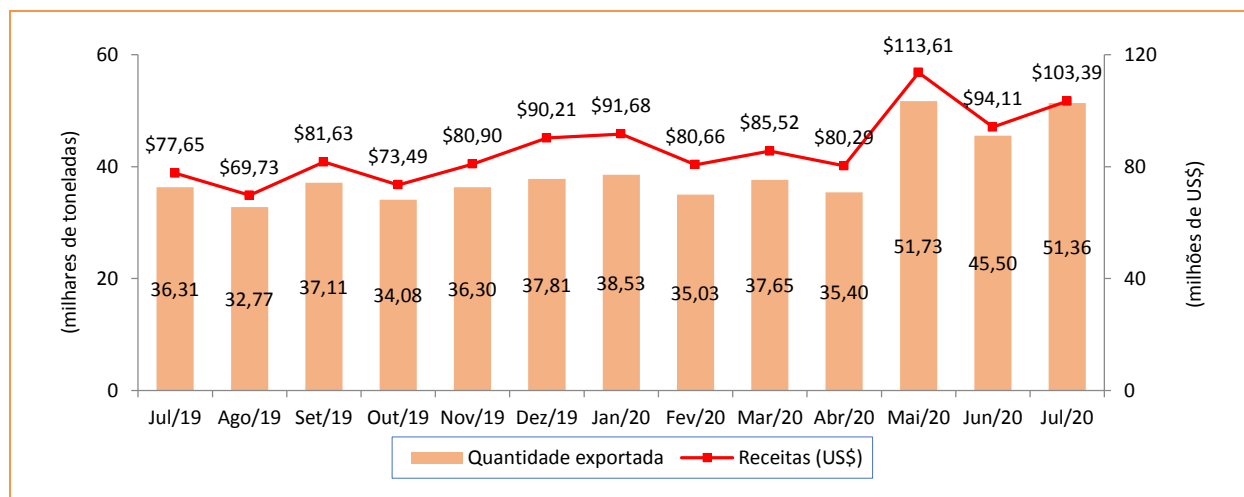


Figura 8. Carne suína – Santa Catarina: quantidade exportada e receitas

Fonte: Comex Stat.

O valor médio da carne suína *in natura* exportada por Santa Catarina em julho foi de **US\$ 2.084/tonelada**, queda de **2,0%** em relação ao mês anterior e de **4,7%** na comparação com julho de 2019.

De janeiro a julho de 2020, o estado exportou **295,19 mil toneladas** de carne suína, com faturamento de **US\$ 649,27 milhões**, alta de **23,8%** em quantidade e **37,7%** em valor quando comparado ao mesmo período de 2019. Santa Catarina foi responsável por **51,1%** das receitas e **51,6%** da quantidade de carne suína exportada pelo Brasil este ano.

Os cinco principais destinos das exportações catarinenses de carne suína, listados na Tabela 1, foram responsáveis por 84,3% das receitas e 82,0% da quantidade embarcada. China e Hong Kong responderam por 70,5% do valor e 69,7% do volume.

Tabela 1. Carne suína – Santa Catarina: principais destinos das exportações – Jan. a Jul./2020

País	Valor (US\$)	Quantidade (t)
China	392.694.488,00	170.164
Hong Kong	65.123.446,00	35.568
Chile	46.621.629,00	20.940
Japão	26.215.927,00	7.024
Cingapura	16.635.416,00	8.408
Demais países	101.974.966,00	53.089
Total	649.265.872,00	295.193

Fonte: Comex Stat.

Dentre os dez principais destinos da suína carne catarinense, oito apresentaram variações positivas nos valores acumulados deste ano em relação ao mesmo período de 2019, com destaque para China (103,2%), Japão (198,6%), Estados Unidos (47,6%) e Emirados Árabes Unidos (58,6%).

Coronavírus

Conforme informado no relatório trimestral divulgado pelo Rabobank no final de julho, a estimativa de produção mundial de carne suína em 2020 sofreu uma revisão. No começo deste ano, a expectativa era de que produção de 2020 fosse 5% menor que no ano anterior. Agora, o banco projeta queda de 8%,

principalmente por causa dos problemas associados à Covid-19 em unidades de abate e processamento nos Estados Unidos, Brasil e União Europeia e dos surtos de peste suína africana na China e no Sudeste Asiático. As maiores quedas são esperadas na China (-17%), Filipinas (-9%) e Vietnã (-8%).

Em relação ao Brasil, o Rabobank projeta queda de 1,5%, principalmente em função da redução do consumo interno. A ABPA, por outro lado, espera crescimento de 4,0% a 6,5% na produção brasileira de carne suína.

Ainda de acordo com o relatório do Rabobank, o impacto da pandemia de Covid-19 sobre cadeia global de suprimentos do setor de carne suína deve ter longa duração.

Peste suína africana

No final de julho, inundações no sul da China despertaram a preocupação das autoridades em relação ao risco de novos surtos de peste suína africana, o que poderia atrasar o processo de recuperação da suinocultura chinesa. Além de causar a morte direta de milhares de animais e danificar diversas estruturas de produção, as inundações podem facilitar a proliferação de doenças, o que se teme que aconteça naquela região.

Produção

Segundo os resultados preliminares da Pesquisa Trimestral do Abate de Animais, divulgados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), no 2º trimestre de 2020 foram abatidos no país 12,07 milhões de suínos, aumento de 5,9% em relação ao mesmo período de 2019 e de 1,6% na comparação com o 1º trimestre de 2020.

Ainda de acordo com o IBGE, a produção de carne suína no 2º trimestre deste ano foi de 1,10 milhão de toneladas de carcaça, alta de 8,2% em relação ao 2º trimestre de 2019 e de 3,2% na comparação com o 1º trimestre deste ano.

Leite

Tabajara Marcondes
Engenheiro-agrônomo, M.Sc. – Epagri/Cepa
tabajara@epagri.sc.gov.br

Preços

Na reunião de julho (dia 24), o Conceleite/SC definiu o preço de referência final de junho e projetou o preço de julho. O valor final de junho (R\$1,5176/l) ficou apenas levemente acima do projetado na reunião anterior (R\$1,5028/l) e o valor de julho (R\$1,5393/l) teve pequena alta sobre o valor de junho (Tabela 1).

Tabela 1. Leite padrão – Santa Catarina: preços de referência do Conceleite – 2018 a julho 2020

Mês	R\$/litro na propriedade com Funrural incluso			Variação (%)	
	2018	2019	2020	2018-19	2019-20
Janeiro	0,9695	1,1659	1,2273	20,3	5,3
Fevereiro	1,0128	1,2309	1,2342	21,5	0,3
Março	1,0857	1,1957	1,2974	10,1	8,5
Abril	1,1295	1,2185	1,3192	7,9	8,3
Maio	1,1522	1,2535	1,3091	8,8	4,4
Junho	1,3454	1,2036	1,5176	-10,5	26,1
Julho	1,4050	1,1560	1,5393	-17,7	33,2
Agosto	1,2997	1,1918		-8,3	
Setembro	1,2582	1,1767		-6,5	
Outubro	1,2351	1,1516		-6,8	
Novembro	1,1358	1,1779		3,7	
Dezembro	1,1228	1,2227		8,9	
Média anual	1,1793	1,1954		1,4	

Julho/2020: Valor projetado.

Fonte: Conceleite/SC.

Esse pequeno aumento de junho para julho no preço de referência indica que os preços médios dos lácteos no atacado variaram pouco de junho para as primeiras semanas de julho, o que não foi surpresa. O surpreendente foi o grande aumento no preço de vários lácteos de maio para junho, o que implicou num aumento de quase 15% no preço de referência de maio para junho. A reunião de agosto do Conceleite/SC está marcada para o dia 20. Como após a reunião de julho alguns lácteos tiveram novas elevações de preços no mercado atacadista, deve haver nova elevação nos preços de referência do leite cru.

A considerar o que tem acontecido nas relações entre as indústrias e os produtores neste mês de agosto, tanto o preço de referência final de julho quanto o projetado para agosto (que serve de base para os preços que os produtores receberão em setembro) ficarão acima do preço projetado para julho. Os produtores não só estão recebendo preços bem superiores aos de julho, como alguns já estão recebendo indicação de novo aumento em setembro. Os levantamentos da Epagri/Cepa ainda não estão concluídos para todas as regiões produtoras, mas é certo que o preço médio deste mês ficará muito acima do preço médio de julho (Tabela 2). Nas principais regiões produtoras de leite do estado, é certo que o preço mais comum ficará acima de R\$1,70/l e há produtores recebendo mais de R\$2,00/l¹³.

¹³ Ver <https://cepa.epagri.sc.gov.br/index.php/produtos/mercado-agricola/precos-agricolas-semanal-agosto-2020/>

Tabela 2. Leite – Santa Catarina: preço médio⁽¹⁾ aos produtores – 2018-20

Mês	R\$/l posto na propriedade			Variação (%)	
	2018	2019	2020	2018-19	2019-20
Janeiro	0,94	1,09	1,22	16,0	11,9
Fevereiro	0,94	1,17	1,26	24,5	7,7
Março	0,96	1,25	1,29	30,2	3,2
Abril	1,01	1,27	1,28	25,7	0,8
Maio	1,09	1,32	1,19	21,1	-9,8
Junho	1,14	1,32	1,31	15,8	-0,8
Julho	1,30	1,23	1,50	-5,4	22,0
Agosto	1,35	1,19	1,70 ⁽²⁾	-11,9	42,9
Setembro	1,31	1,21		-7,6	
Outubro	1,28	1,21		-5,5	
Novembro	1,24	1,19		-4,0	
Dezembro	1,11	1,18		6,3	
Média anual	1,14	1,22		7,0	

⁽¹⁾ Preço médio mais comum, das principais regiões produtoras, no período de pagamento.

⁽²⁾ Média provisória.

Fonte: Epagri/Cepa.

Demanda e produção de leite

As explicações sobre esses expressivos aumentos de preços na cadeia produtiva do leite têm sido bastante concentradas no crescimento da demanda nacional de lácteos. Explicada por um “duplo” movimento: o aumento geral do consumo de alimentos em casa e o crescimento de consumo de parte da população beneficiária do programa de auxílio emergencial. Segundo pesquisas de vendas no varejo, passado o período inicial da pandemia da Covid-19, houve crescimento significativo nas vendas de vários lácteos, tanto em relação ao início deste ano (antes da pandemia) quanto ao mesmo período do ano passado¹⁴. Isto é muito diferente das expectativas setoriais no início da pandemia, quando, na certeza de redução expressiva do Produto Interno Bruto (PIB), aumento do desemprego, queda de renda de boa parte da população, menor circulação das pessoas, etcetera, se esperava quedas expressivas e duradouras nas vendas dos lácteos. Naquele momento, não foi exclusividade de empresas e representações de indústrias catarinenses as comunicações para que produtores de leite e empresas lácteas se atentassem para as dificuldades eminentes e futuras, e que até pensassem em redução de produção para atender um mercado certamente mais reduzido.

Essa concentração explicativa sobre a demanda não deixa de ter relação direta com um velho e conhecido problema da cadeia leiteira nacional: a falta de informações oficiais atualizadas, abrangentes e qualificadas sobre a produção brasileira de leite. A divulgação recente dos primeiros resultados da Pesquisa Trimestral do Leite (PTL/IBGE) pode mudar um pouco isso, pois indica que também a oferta pode estar sendo um elemento fundamental para o atual quadro de mercado. Especificamente o fraco desempenho da produção leiteira nacional. Divulgada na semana passada (13/08)¹⁵, a pesquisa mostra que a quantidade de leite adquirida pelas indústrias inspecionadas no primeiro semestre de 2020 decresceu em relação à do mesmo período de 2019, o que contraria a ideia predominante nas análises setoriais anteriores a estes resultados. Sobre essa queda, é relevante constatar que ela se deve sobretudo ao que houve nos meses de maio e junho, quando as indústrias adquiriram bem menos leite do que nos mesmos meses do ano passado (Tabela 3).

¹⁴ No site do milkpoint é possível encontrar textos e vídeos sobre esse movimento, particularmente os relacionados à participação da Nielsen em eventos/matérias do site.

¹⁵ Cerca de um mês após divulgar estes primeiros resultados, o IBGE divulga essa mesma pesquisa com dados das unidades da federação. Não é incomum que nesta oportunidade os dados de âmbito nacional sofram pequenas alterações.

Tabela 3. Leite cru – Brasil: quantidade adquirida pelas indústrias inspecionadas – 2016 a junho-20

Mês	Bilhão de litros					Var. %	
	2016	2017	2018	2019	2020	2018-19	2019-20
Janeiro	2,072	2,101	2,161	2,207	2,229	2,1	1,0
Fevereiro	1,892	1,833	1,890	1,933	2,024	2,3	4,7
Março	1,898	1,928	1,968	2,055	2,051	4,4	-0,2
Total 1º trimestre	5,862	5,862	6,019	6,195	6,304	2,9	1,8
Abril	1,749	1,812	1,873	1,911	1,919	2,0	0,4
Maio	1,742	1,907	1,734	1,975	1,891	13,9	-4,3
Junho	1,728	1,929	1,872	1,974	1,880	5,4	-4,8
Total 2º trimestre	5,219	5,648	5,479	5,860	5,690	7,0	-2,9
Total 1º Semestre	11,081	11,510	11,498	12,055	11,994	4,8	-0,5
Julho	1,897	2,058	2,036	2,073		1,8	
Agosto	1,989	2,118	2,120	2,128		0,4	
Setembro	1,963	2,103	2,100	2,080		-1,0	
Outubro	2,048	2,141	2,222	2,203		-0,9	
Novembro	2,052	2,154	2,210	2,186		-1,1	
Dezembro	2,140	2,250	2,271	2,283		0,5	
Total	23,170	24,334	24,457	25,008		2,3	

2019 e 2020 - Dados preliminares.

Fonte: IBGE - Pesquisa Trimestral do Leite

Com o crescimento nos preços recebidos pelos produtores a partir de julho, que neste mês de agosto atingiram níveis completamente inesperados (recordes em várias regiões brasileiras e de Santa Catarina), é muito provável que essa queda na oferta nacional de leite esteja em plena reversão e que a quantidade de leite adquirida pelas indústrias inspecionadas no segundo semestre supere com folga a do mesmo período de 2019.